

UNIVERSIDADE POLITÉCNICA-A POLITÉCNICA

Instituto Superior de Humanidades Ciências e Tecnologias- ISHCT

Psicologia Clínica e de Aconselhamento

Impacto Afectivo do Abandono Parental dos Pais de Adolescentes dos 12 à 18 Anos de Idade, Versus, Transtorno de Apego Reactivo, Bairro Floresta B, no Período de 2023-2024 - Cidade de Quelimane, Província da Zambézia.

Firosa Emília Candrinho

Quelimane

2025

Firosa Emília Candrinho

Impacto Afectivo do Abandono Parental dos Pais de Adolescentes dos 12 à 18 Anos de Idade, Versus, Transtorno de Apego Reactivo, Bairro Floresta B, no Período de 2023-2024 - Cidade de Quelimane, Província da Zambézia.

Monografia apresentada ao Instituto Superior de Humanidades, Ciências e Tecnologias como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Psicologia Clínica e de Aconselhamento.

Tutora: Mestre Elisa Abibo Abacar Uaieca

Quelimane

2025

Dedico este trabalho à minha mãe e aos meus irmãos, para que possam ter as oportunidades que merecem e crescer em um mundo mais justo e cheio de possibilidades.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus, o Ser Supremo, cuja graça e misericórdia me sustentaram em todos os momentos desta jornada, devo tudo o que sou e tudo o que alcancei, e por ser a minha luz nos momentos de escuridão. Agradeço, Senhor, pela sabedoria que colocaste no meu coração e pela coragem que me deste para continuar, mesmo quando tudo parecia impossível.

À minha orientadora e docente, Mestre Elisa Abibo Abacar Uaieca, por me guiar com sabedoria e paciência, sou profundamente grata pela confiança que depositou em mim e pelo apoio constante. E aos docentes: PhD Marcos Lourenço, Mestre Judite Pedro (em memória), Dra. Aeke Magalhães e Mestrando Pagere Pagere, pelos ensinamentos, pelo conhecimento partilhado e pela dedicação. As lições de vida que aprendi com todos vocês são um legado que levarei para sempre.

À coordenadora do curso, Mestre Bélgica, pela sua liderança, paciência e comprometimento. E a toda Universidade Politécnica (ISHCT), por me proporcionar uma formação e a oportunidade de crescer academicamente nesta instituição que tanto me ensinou.

À minha mãe, Rabia Salé Daúdo, a minha rainha, por ser o pilar da minha vida. Teu apoio incondicional, a tua força, os teus ensinamentos e o teu amor foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Agradeço a Deus todos os dias pela bênção de ter uma mãe como tu, que me guia, me acolhe e me fortalece. Aos meus irmãos, Eldmar Jr e Princess Layaan, que são a razão de toda a minha luta. Faço tudo por vocês, porque desejo que tenham um futuro brilhante, cheio de oportunidades e felicidade. O meu coração está com vocês em cada passo que dou, e as minhas conquistas são para vocês, para que um dia possam olhar para trás e ver que tudo valeu a pena.

A todos meus amigos, que estiveram ao meu lado nos momentos mais desafiadores, em especial a minha colega Dulce Colaço e ao meu melhor amigo, Nicol's Nicolau Muluta, pela amizade incondicional e pela ajuda nos momentos em que a fraqueza ameaçou me consumir.

E, a todos participantes da pesquisa, que contribuíram com seu tempo, experiências e honestidade para que este trabalho fosse realizado. Sem a vossa colaboração, esta pesquisa não teria sido possível, sou profundamente grata pela generosidade em compartilhar as suas histórias.

A todos, muito obrigada!!!

Resumo

O estudo tem como tema "Impacto Afetivo do Abandono Parental dos Pais de Adolescentes dos 12 a 18 Anos de Idade, Versus, Transtorno de Apego Reactivo: Bairro Floresta B, no Período de 2023-2024 - Cidade de Quelimane, Província da Zambézia". A ausência de suporte emocional afecta a saúde mental, as relações interpessoais e o desempenho dos adolescentes, desencadeia o Transtorno de Apego Reactivo. Problema de investigação: Qual é o impacto afectivo do abandono parental no desenvolvimento do Transtorno de Apego Reactivo em adolescentes dos 12 aos 18 anos no bairro Floresta B, cidade de Quelimane, Província da Zambézia?. A justificativa para este estudo reside na necessidade de compreender os impactos do abandono parental emocional no desenvolvimento dos adolescentes no Bairro Floresta B. O objectivo geral é analisar o impacto afectivo do abandono parental dos pais de adolescentes de 12 a 18 anos no Bairro Floresta B, e a sua relação com o desenvolvimento do Transtorno de Apego Reactivo. Os objectivos específicos incluem: identificar adolescentes de 12 a 18 anos de idade com abandono parental no bairro floresta B; descrever os tipos de abandono parental e o Transtorno de Apego Reactivo; propor estratégias de intervenção psicossocial para promover o bem-estar emocional e psicológico dos adolescentes afectados pelo abandono. Metodologia: para o estudo usou-se a abordagem qualitativa, quanto aos objectivos caracteriza-se por descritiva, de natureza aplicada e quanto aos procedimentos técnicos: estudo de caso. Para os instrumentos de recolha de dados usou-se entrevistas semi-estruturadas com um universo 15 adolescentes, seleccionado uma amostra de 6 adolescentes. Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo, organizada em categorias temáticas, permitindo identificar padrões significados e interpretações das respostas dos adolescentes. Resultados da investigação demonstraram que em vários casos os adolescentes vivem com avós (P1 e P3) ou tios (P2 e P4), sem acompanhamento dos pais. P5 e P6 relataram não receber apoio emocional dos pais; enquanto P3 e P4, mencionaram que, embora recebam algum suporte de um único responsável esse apoio ocorre mais por exclusão do que por um vínculo emocional genuíno. P2 e P6 apresentaram características compatíveis ao Transtorno de Apego Reactivo. O estudo fundamentou-se em três referenciais teóricos principais: a Teoria do Apego de John Bowlby, que explica a importância dos vínculos afectivos seguros na infância; a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson, que discute os conflitos emocionais vividos nas etapas da adolescência, especialmente na formação da identidade e confiança interpessoal; e a Teoria do Estresse e Coping de Lazarus e Folkman, que analisa a forma como os adolescentes lidam com situações de abandono e ausência de apoio emocional. Diante disso, a conduta adoptada incluiu a TCC (psicoeducação) conscientizando os adolescentes e seus responsáveis sobre a importância dos vínculos emocionais; os adolescentes foram orientados a procurar apoio psicológico, incentivando o envolvimento dos pais e cuidadores no processo terapêutico.

Palavras-chave: Abandono Parental, Transtorno de Apego Reactivo, Adolescência.

Abstract

The study is entitled "Affective Impact of Parental Abandonment of Adolescents Aged 12 to 18 Years Versus Reactive Attachment Disorder: Bairro Floresta B, in the Period 2023-2024 - City of Quelimane, Zambezia Province." The absence of emotional support affects mental health, interpersonal relationships, and adolescent performance, contribute to Reactive Attachment Disorder. Research problem: How does parental abandonment, especially emotional abandonment, impact the development of Reactive Attachment Disorder in adolescents aged 12 to 18 in Bairro Floresta B, in the city of Quelimane? The justification for this study lies in the need to understand the impacts of emotional parental abandonment on adolescent development in Bairro Floresta B. The general objective is to analyze the affective impact of parental abandonment of adolescents aged 12 to 18 in Bairro Floresta B and its relationship with the development of Reactive Attachment Disorder. The specific objectives include: Identifying adolescents aged 12 to 18 with parental abandonment in Bairro Floresta B; Describing the types of Parental Abandonment and Reactive Attachment Disorder; Proposing psychosocial intervention strategies to promote the emotional and psychological well-being of adolescents affected by abandonment. Methodology: The study used a qualitative approach, was descriptive regarding its objectives, applied in nature, and used a case study as a technical procedure. Semi-structured interviews were used as data collection instruments with a universe of 15 adolescents, selecting a sample of 6 adolescents. The data were analyzed through Content Analysis, organized into thematic categories, allowing the identification of patterns, meanings, and interpretations of the adolescents' responses. Research results showed that most adolescents live with grandparents (P1 and P3) or uncles (P2 and P4) without parental supervision. P5 and P6 reported not receiving emotional support from their parents, while P3 and P4 mentioned that, although they receive some support from a single guardian, this support occurs more by exclusion than by a genuine emotional bond. P2 and P6 exhibited characteristics compatible with Reactive Attachment Disorder. The study was based on the theories of John Bowlby, Erik Erikson, and Lazarus & Folkman, allowing an understanding of the importance of affective bonds, emotional conflicts in adolescence, and coping mechanisms for abandonment situations. In light of this, the adopted approach included CBT (psychoeducation), raising awareness among adolescents and their guardians about the importance of emotional bonds. Adolescents were guided to seek psychological support, encouraging the involvement of parents and caregivers in the therapeutic process.

Keywords: Parental Abandonment, Reactive Attachment Disorder, Adolescence.

Sumário

Capítulo I

1. Introdução.....	14
--------------------	----

Capítulo II

2. Revisão de Literatura.....	17
2.1. Marco Conceptual	17
2.1.1. Abandono	17
2.1.2. Abandono Parental	17
2.1.3. Afecto	18
2.1.4. Afecto Parental	18
2.1.5. Adolescente	19
2.2. Desenvolvimento Circunstacial.....	19
2.2.1. Saúde Mental dos Adolescentes	19
2.2.2. Abandono Parental	20
2.2.3. Tipos de Abandono Parental	22
2.2.4. Transtorno de Apego Reactivo (TAR).....	24
2.2.4.1. Critérios de Diagnósticos do TAR	24
2.2.4.2. Características Clínicas e Impactos do TAR.....	25
2.2.4.3. Abordagens de Tratamento e Intervenção do Transtorno de Apego Reactivo.....	26
2.3. Marco Teórico	28
2.3.1. A Teoria do Apego de Bowlby	28
2.3.2. Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson	30
2.3.3. Teoria do Estresse e Coping de Lazarus e Folkman	31
2.4. Marco Referencial	33

Capítulo III

3. Metodologia.....	35
3.1. Tipo de Investigação	35
3.1.1. Quanto aos objectivos	35
3.1.2. Quanto a natureza.....	35
3.1.3. Quanto à abordagem metodológica.....	35
3.1.4. Quanto aos procedimentos técnicos	36
3.2. Participantes/ Amostra.....	36
3.2.1. Universo	36
3.2.2. Amostra	37
3.3. Técnicas de Recolha de Dados.....	38
3.4. Procedimentos Técnicos.....	39
3.4.1. Considerações éticas	39
3.4.2. Critérios de selecção de amostra	41
3.4.3. Tipo de amostragem	42
3.4.4. Formas de apresentação de análise dos dados.....	42
Capítulo IV	
4. Resultados	43
4.1. Perfil dos Participantes	43
4.2. Dados Sociodemograficos.....	43
Capítulo V	
5. Discussão dos Resultados.....	55
Capítulo VI	
6. Conclusão	65
7. Referências Bibliográficas	68
Apêndices	74

Anexos..... 78

Lista de Siglas

DSM-5-TR - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição
(Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 5th edition)

APA - American Psychological Association

TCC - Terapia Cognitivo-Comportamental

TAR - Transtorno de Apego Reactivo

OMS- Organização Mundial da Saúde.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Dados Sociodemográficos	65
---	----

Lista de Apêndices

Apêndice I - Termo de Assentimento Informado para Pais ou Responsáveis Legais de Adolescentes menores de 18 anos	74
Apêndice II - Termo de Consentimento Livre-Informado para Adolescentes de 18 Anos de Idade	65
Apêndice III – Guião de Entrevista para os Adolescentes	76
Apêndice IV - Autorização do Secretário do Bairro Floresta B	65

Lista de Anexos

Credencial do Instituto Superior de Humanidades e Ciências e Tecnologias de Quelimane (ISHCT)	65
Credencial do Serviço Provincial de Saúde (SPS)	65
Carta de cobertura do Serviço Provincial de Saúde (SPS)	65
Aprovação do Comité Institucional de Bioética para a Saúde da Zambézia (CIBS-Z)	65

Capítulo I

1. Introdução

O presente trabalho tem como tema “Impacto Afectivo do Abandono Parental dos Pais de Adolescentes dos 12 a 18 Anos de Idade, Versus, Transtorno de Apego Reactivo”.

O abandono parental é uma questão que afecta uma significativa parcela de adolescentes ao redor do mundo, com sérias consequências para o seu desenvolvimento emocional e psicológico. Este fenómeno, muitas vezes invisível, reflete-se nas interações dos adolescentes com o ambiente que os cerca, afectando directamente a sua capacidade de estabelecer vínculos saudáveis e equilibrados.

A problemática que motiva esta pesquisa está relacionada ao abandono parental, particularmente o emocional, e às suas profundas repercussões no bem-estar emocional e psicológico dos adolescentes. Esse fenómeno, amplamente observado no Bairro Floresta B, em Quelimane, afecta o desenvolvimento de uma identidade saudável e a capacidade de estabelecer vínculos seguros, elementos essenciais durante a adolescência. A ausência do apoio emocional dos pais tem sido associada a uma série de consequências negativas, como o desenvolvimento do Transtorno de Apego Reactivo (TAR), que prejudica a saúde mental desses adolescentes e compromete suas relações interpessoais, o desempenho académico e a qualidade de vida. A falta de estudos específicos sobre o impacto do abandono parental emocional na região de Quelimane torna urgente a necessidade de uma análise mais aprofundada dos efeitos desse fenómeno no desenvolvimento psicoemocional dos adolescentes, com o objetivo de subsidiar a formulação de estratégias de intervenção psicossocial adequadas.

Considerando o crescente número de adolescentes expostos à ausência emocional de figuras parentais no bairro Floresta B, na cidade de Quelimane, a presente investigação pretende responder ao seguinte problema de investigação: “Qual é o impacto afectivo do abandono parental no desenvolvimento do Transtorno de Apego Reactivo em adolescentes dos 12 aos 18 anos no bairro Floresta B, cidade de Quelimane, Província da Zambézia?”

Diante desse cenário, as perguntas de investigação que norteiam este estudo são: Quais são os principais efeitos de saúde emocional observados nos adolescentes do bairro Floresta B, cidade de

Quelimane que enfrentam abandono parental emocional? Como é que o abandono parental contribui no desenvolvimento do Transtorno de Apego Reactivo (TAR)? Que estratégias de intervenção psicossocial são mais eficazes para promover o bem-estar emocional e psicológico dos adolescentes afectados pelo abandono parental emocional no bairro Floresta B, cidade de Quelimane, visando prevenir ou tratar o Transtorno de Apego Reactivo (TAR)?

O objectivo geral deste trabalho é analisar o impacto afectivo do abandono parental dos pais de adolescentes de 12 a 18 anos no bairro floresta B, cidade de quelimane, e a sua relação com o desenvolvimento do transtorno de apego reactivo (TAR). Os objectivos específicos incluem: (i) identificar adolescentes de 12 a 18 anos de idade com abandono parental no bairro floresta b; (ii) descrever os tipos de abandono parental e o transtorno de apego reactivo; (iii) propor estratégias de intervenção psicossocial para promover o bem-estar emocional e psicológico dos adolescentes afectados pelo abandono parental emocional no bairro floresta B, cidade de quelimane, visando prevenir ou tratar o transtorno de apego reactivo (TAR).

A escolha deste tema foi motivada pela observação de filhos que foram abandonados pelos pais. Alguns desses adolescentes enfrentam desafios adicionais devido as suas condições genéticas, como Síndrome de Down, Albinismo e Malformações Congênitas, entre outros. Além dessas condições, a falta de condições financeiras adequadas e a negligência dos pais contribuem significativamente para essa vulnerabilidade. Essa combinação de factores pode levar ao desenvolvimento de diversos transtornos mentais, incluindo o transtorno de apego reactivo.

O ambiente de estudo foi o bairro Floresta B, situado na cidade de Quelimane, na Província da Zambézia. O bairro está localizado a aproximadamente 6,5 km do centro da cidade, sendo uma área predominantemente residencial e caracterizada por desafios socioeconômicos significativos . A população estimada do bairro varia entre 2.000 e 3.000 habitantes, composta, em sua maioria, por famílias de baixa renda. O bairro possui infraestruturas limitadas, sem acesso directo a serviços essenciais como unidades de saúde e saneamento básico adequado, o que compromete a qualidade de vida dos moradores deste bairro. Em termos de infraestruturas, destaca-se a existência da Residencial Aparocilda, um dos poucos estabelecimentos de hospedagem na área. Entretanto, dentro do próprio bairro, a oferta de serviços é extremamente limitada.

Entretanto, o bairro apresenta um contexto social caracterizado por desafios econômicos e sociais, factores que, muitas vezes, contribuem para o abandono parental. A cidade de Quelimane, com uma população diversa e em crescimento, é um local-chave para a análise dos impactos do abandono parental, considerando as particularidades sociais e culturais dessa região. A pesquisa foi conduzida por meio de entrevistas semi-estruturadas com adolescentes da faixa etária de 12 a 18 anos, entrevistas realizadas no domicílio dos participantes, permitindo maior privacidade e favorecendo um ambiente mais propício para a colecta de informações.

A estrutura do trabalho está organizada em seis capítulos; Capítulo I, é apresentada a introdução. No Capítulo II, trata-se da revisão da literatura. O Capítulo III aborda sobre a metodologia utilizada, enquanto o Capítulo IV apresenta os resultados obtidos. O Capítulo V é dedicado à discussão dos resultados, e, finalmente, o Capítulo VI aborda a conclusão, com as principais descobertas e propostas para futuras intervenções.

Capítulo II

2. Revisão de Literatura

2.1. Marco Conceptual

2.1.1. Abandono

Bowlby (1988:45), citado por Silva (2022), o abandono é o acto de deixar alguém sem a devida atenção, cuidado ou suporte, abrangendo formas físicas, emocionais, financeiras e sociais. Essas dimensões do abandono repercutem profundamente no desenvolvimento emocional e psicológico, deixando marcas duradouras na capacidade de formar e manter relações interpessoais saudáveis.

No contexto interpessoal, o abandono parental pode gerar sentimentos profundos de solidão, negligência e desamparo, e a falta de suporte emocional impacta significativamente a autoestima e o bem-estar emocional, especialmente em fases críticas do desenvolvimento, (Grolnick e Ryan, 1989).

2.1.2. Abandono Parental

Segundo Bowlby (1988:137), o abandono parental pode ser definido como “a falta de envolvimento significativo do pai ou da mãe na vida de seus filhos, frequentemente manifestada por negligência emocional, física ou educacional”.

O fenómeno do abandono parental pode ocorrer de diversas formas, primeiramente, ele pode ser caracterizado pelo não fornecimento adequado de cuidados básicos, como alimentação, moradia e protecção, essenciais para o desenvolvimento saudável da criança (Cox, 1997; Bowlby, 1988).

O abandono parental pode se manifestar de maneira mais directa e literal, como no caso de um dos pais deixar completamente de conviver com seus filhos, sem manter contacto ou prover qualquer tipo de suporte material ou emocional. Isso pode ocorrer por diversas razões, incluindo problemas pessoais, emocionais, financeiros ou mesmo sociais (Cox, 1997).

2.1.3. Afecto

O afecto é fundamental para o desenvolvimento emocional saudável, influenciando directamente seu bem-estar psicológico e social.

Segundo Bowlby (1988), o afecto refere-se à conexão emocional, que é crucial para o desenvolvimento do apego seguro e para a formação de relacionamentos interpessoais saudáveis ao longo da vida.

Erikson (1968) amplia essa perspectiva, argumentando que o afecto é essencial para ajudar a explorar e desenvolver a identidade pessoal de forma segura e confiante. O mesmo autor destaca a importância do apoio emocional dos pais durante os estágios críticos do desenvolvimento, como na adolescência, para promover um senso de segurança emocional e autoestima positiva.

Além disso, Grolnick e Ryan (1989) discutem como um ambiente familiar que promove o afecto e a comunicação emocional ajuda os indivíduos a enfrentar melhor os desafios e estresses típicos das fase da vida, contribuindo para um desenvolvimento emocional saudável e resiliente.

2.1.4. Afecto Parental

O afecto parental é essencial para o desenvolvimento emocional e psicológico saudável das crianças, influenciando directamente sua autoestima, habilidades sociais e bem-estar geral.

Segundo Bowlby (1988), o afecto parental é a demonstração consistente de amor, carinho e suporte emocional pelos pais, criando um ambiente seguro e estável para o crescimento e desenvolvimento das crianças.

Silva (2022) expande essa definição, argumentando que o afecto parental desempenha um papel crucial no fortalecimento do vínculo emocional entre pais e filhos ao longo das diferentes fases do desenvolvimento infantil e adolescente. Ele enfatiza como o afecto dos pais durante a infância e adolescência ajuda os adolescentes a desenvolverem uma identidade pessoal segura e confiante, e que um ambiente familiar caracterizado por altos níveis de afecto parental promove o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento eficazes e resilientes em crianças e adolescentes, preparando-os melhor para lidar com desafios emocionais e sociais ao longo da vida.

2.1.5. Adolescente

Adolescente é o indivíduo que se encontra na fase de transição entre a infância e a vida adulta, geralmente compreendida entre os 12 e 18 anos, caracterizando-se por profundas transformações físicas, emocionais, cognitivas e sociais, que impactam no desenvolvimento da identidade e na adaptação social (Papalia e Feldman, 2013).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014), a adolescência é um período crítico no desenvolvimento da identidade, marcado por transformações hormonais, aumento da independência e construção de vínculos sociais mais amplos.

Para Erikson (1968), a adolescência corresponde ao estágio de "identidade versus confusão de papéis", onde os indivíduos buscam estabelecer um senso de identidade pessoal enquanto enfrentam desafios externos, como pressões sociais e familiares. A qualidade das interações com os pais durante essa fase desempenha um papel crucial na formação de uma identidade segura e no desenvolvimento emocional saudável.

No contexto de Moçambique, a adolescência é frequentemente marcada por desafios socioeconômicos e culturais, que podem limitar o acesso a recursos educativos e de saúde, impactando negativamente o bem-estar e a saúde mental dos adolescentes (UNICEF, 2017).

2.2. Desenvolvimento Circunstacial

2.2.1. Saúde Mental dos Adolescentes

A saúde mental dos adolescentes refere-se ao estado de bem-estar emocional, psicológico e social de indivíduos com idades entre 12 e 18 anos, período caracterizado por intensas mudanças físicas, hormonais e sociais. Esta fase é marcada pelo desafio de desenvolver uma identidade sólida e enfrentar pressões acadêmicas, mudanças físicas e hormonais, além de questões familiares e sociais, (Erikson, 1968).

A qualidade do relacionamento com os pais desempenha um papel central nesse processo, enfatizando a importância do apoio emocional e da comunicação familiar na promoção da saúde mental dos adolescentes, (Grolnick e Ryan, 1989).

Promover um estilo de vida saudável e fornecer apoio emocional são fundamentais para ajudar os adolescentes a enfrentar desafios e desenvolver habilidades de enfrentamento eficazes.

Segundo Grolnick e Ryan (1989), um ambiente familiar que valoriza a autonomia e fornece suporte emocional dos pais pode contribuir significativamente para a resiliência e o bem-estar dos adolescentes. Reduzir o estigma associado aos problemas de saúde mental e oferecer acesso a recursos adequados são medidas essenciais para garantir um desenvolvimento saudável durante essa fase crucial da vida.

2.2.2. Abandono Parental

O abandono parental é um fenômeno social e psicológico que envolve a ausência física ou emocional de um ou ambos os pais, afetando profundamente o desenvolvimento emocional, social e psicológico das crianças e adolescentes.

Estudos realizados por Rohner (2004) indicam que o abandono parental pode levar a uma série de problemas emocionais e comportamentais em adolescentes, e de acordo com a UNICEF (2017), crianças e adolescentes enfrentam múltiplos riscos à saúde mental quando vivem em situações de pobreza, violência e separação familiar.

Em Moçambique, a Lei da Família (Boletim da República, Série I, Suplemento, n.º 34) afirma que “os pais devem basear as relações paterno-filiais na compreensão e no diálogo, de forma a corresponder às necessidades afectivas e de desenvolvimento harmonioso dos respectivos filhos”.

No cenário mundial, o abandono parental pode ocorrer por uma série de fatores, incluindo separação, conflitos familiares, migração, doenças ou até a morte dos pais (UNICEF, 2017).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014), milhões de crianças em todo o mundo enfrentam o abandono parental, o que pode gerar consequências psicológicas graves, como transtornos emocionais, dificuldades no desempenho escolar e na formação de relações interpessoais. A falta de cuidados adequados prejudica a formação da identidade e a adaptação social dos jovens, deixando-os vulneráveis a uma série de problemas emocionais e sociais.

No continente africano, o abandono parental é amplificado por condições socioeconômicas e culturais adversas, como pobreza extrema, migração, conflitos armados e doenças (UNICEF, 2019).

A África enfrenta altos índices de deslocamento de populações devido a conflitos ou busca por melhores condições de vida, o que muitas vezes resulta em crianças sendo criadas por parentes ou vivendo sem a presença de um dos pais (UNICEF, 2017).

Além disso, práticas culturais e sociais, como a poligamia ou as condições precárias de vida, podem contribuir para a ausência de um cuidado parental adequado. A falta de políticas públicas que garantam o bem-estar das crianças e adolescentes agrava ainda mais a situação, tornando-os vulneráveis à negligência e exploração (UNICEF, 2017).

Em Moçambique, o abandono parental é um fenômeno complexo, que envolve fatores como migração laboral, separação conjugal, e a crescente mortalidade devido a doenças, incluindo o HIV/SIDA.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2019), uma porcentagem significativa de crianças e adolescentes vive em lares monoparentais, especialmente sob a guarda das mães. As dificuldades socioeconômicas, a falta de políticas públicas adequadas de apoio à família, e a escassez de recursos no setor de saúde mental contribuem para a precariedade da situação (UNICEF, 2017).

Embora o HIV/SIDA tenha um impacto importante, o abandono parental em Moçambique é multifacetado, sendo influenciado por uma série de condições sociais e familiares que afetam diretamente o bem-estar emocional e o desenvolvimento das crianças (UNAIDS, 2019).

Na província da Zambézia, o abandono parental também se reflete de maneira preocupante, especialmente nas áreas urbanas periféricas e rurais. A migração para outras regiões em busca de emprego, as separações conjugais e a morte de um dos pais são causas frequentes que deixam os adolescentes sob os cuidados de avós ou outros parentes (INE, 2019).

As dificuldades econômicas e a escassez de apoio social agravam ainda mais essa realidade, limitando o acesso dos adolescentes a serviços de saúde, educação e apoio psicossocial. No bairro Floresta B, na cidade de Quelimane, essa situação é ainda mais evidente, com muitos adolescentes vivendo em condições vulneráveis, sem o suporte emocional de um ou ambos os pais.

A falta de políticas públicas eficazes para apoiar essas famílias, juntamente com a carência de serviços especializados, tem um impacto direto na saúde mental e no bem-estar dos jovens da região (UNICEF, 2017).

2.2.3. Tipos de Abandono Parental

O abandono parental assume diferentes formas, cada uma com impactos distintos no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças. Entre os tipos mais significativos, destacam-se:

a) Abandono Parental Social

O abandono parental social ocorre quando os pais ou cuidadores deixam de envolver a criança em actividades sociais e comunitárias. Essa negligência pode limitar as oportunidades de socialização e crescimento pessoal, e o isolamento social pode gerar sentimentos de exclusão e dificultar a formação de relacionamentos saudáveis na adolescência e vida adulta (Silva, 2022).

Além disso, a falta de integração social compromete o desenvolvimento da identidade e das habilidades sociais da criança (Cox, 1997).

b) Abandono Parental Físico

O abandono parental físico refere-se à ausência física dos pais na vida da criança, seja por motivos de trabalho, divórcio ou outras circunstâncias. Erikson (1968) argumenta que o abandono físico pode criar um senso de insegurança e instabilidade na criança, afectando sua autoestima e desenvolvimento emocional.

De acordo com Bowlby (1988), a falta de presença física consistente também pode provocar dificuldades emocionais, como baixa autoestima e falta de confiança, factores que afectam a capacidade de formar relacionamentos saudáveis ao longo da vida.

c) Abandono Parental Financeiro

O abandono parental financeiro ocorre quando os pais não fornecem suporte financeiro adequado, isso pode impactar directamente o bem-estar material e emocional da criança. Cox (1997) discute como a falta de estabilidade financeira pode criar um ambiente familiar stressante, afectando negativamente a saúde mental e emocional das crianças e adolescentes. A ausência de

apoio financeiro não se restringe apenas a questões materiais, pois o stress econômico pode aumentar os conflitos familiares e comprometer o desenvolvimento emocional dos adolescentes.

d) Abandono Parental Emocional

O abandono parental emocional ocorre quando os pais não fornecem o suporte emocional necessário para o desenvolvimento saudável da criança. O abandono parental emocional pode se manifestar de várias formas, incluindo negligência emocional, falta de afecto demonstrado e ausência de conexão emocional consistente ao longo da infância. Bowlby (1988), em sua teoria do apego, ressalta que a ausência de vínculos emocionais seguros leva a dificuldades significativas no estabelecimento de relacionamentos interpessoais estáveis e satisfatórios. Além disso, essa falta de conexão pode gerar sentimentos de rejeição e baixa autoestima, afectando principalmente adolescentes.

Segundo o mesmo autor, essa forma de abandono pode ser tão prejudicial quanto a ausência física, levando a sentimentos de rejeição e baixa autoestima nos adolescentes. Além disso, a ausência emocional frequentemente resulta em uma quebra de laços afectivos cruciais.

Ainsworth (1978) complementa, destacando que o abandono parental emocional pode comprometer o desenvolvimento do apego seguro formados na infância e que estes impactam directamente a capacidade de formar relações saudáveis na adolescência e na vida adulta. A falta de um ambiente emocionalmente enriquecedor pode contribuir para problemas como baixa autoestima, ansiedade e dificuldades de regulação emocional, afectando negativamente o bem-estar geral da criança no estabelecimento de relacionamentos seguros e estáveis.

A ausência de suporte emocional por parte dos pais está associada a uma série de problemas de desenvolvimento nos adolescentes. Estudos indicam que a falta de carinho, atenção e validação emocional pode levar a sintomas como ansiedade, depressão, baixa autoestima, dificuldades em estabelecer relacionamentos saudáveis e comportamento agressivo (Bowlby, 1988; Ainsworth, 1978).

Esses problemas não só afectam a saúde mental dos adolescentes, mas também seu desempenho acadêmico e sua capacidade de integração social. A teoria do apego de Bowlby (1988) destaca a importância de uma base segura proporcionada pelos pais como essencial para o desenvolvimento

emocional saudável. A ausência dessa segurança afecta profundamente o bem-estar geral do jovem e compromete sua capacidade de enfrentar os desafios da vida adulta, resultando em um ciclo de insegurança e dificuldades relacionais.

2.2.4. Transtorno de Apego Reactivo (TAR)

O Transtorno de Apego Reactivo (TAR), conforme definido no DSM-5-TR (APA, 2022), é um transtorno de desenvolvimento que ocorre em crianças expostas a negligência severa ou privação emocional durante os primeiros anos de vida. Essa condição compromete a capacidade de formar vínculos seguros com figuras parentais ou cuidadores, prejudicando o desenvolvimento emocional e social.

Crianças afectadas exibem padrões de comportamento inibidos, dificultando a interação social e a regulação de suas emoções. A identificação precoce e a compreensão dos factores que contribuem para o desenvolvimento desse transtorno são essenciais para implementar estratégias eficazes de intervenção (APA, 2022).

2.2.4.1. Critérios de Diagnósticos do TAR

Segundo APA (2022:265-266), “o diagnóstico do TAR no DSM-5-TR é baseado em critérios específicos que descrevem padrões comportamentais, emocionais e históricos associados ao transtorno”. Estes incluem:

- A.** Um padrão consistente de comportamento inibido e emocionalmente retraído em relação ao cuidador adulto, manifestado por dois aspectos:
 - 1.** A criança rara ou minimamente busca conforto quando aflita.
 - 2.** A criança rara ou minimamente responde a medidas de conforto quando aflita.
- B.** Perturbação social e emocional persistente caracterizada por pelo menos dois dos seguintes aspectos:
 - 1.** Responsividade social e emocional mínima a outras pessoas.
 - 2.** Afecto positivo limitado.
 - 3.** Episódios de irritabilidade, tristeza ou temor inexplicados, evidentes até mesmo durante interacções não ameaçadoras com cuidadores adultos.
- C.** A criança vivenciou um padrão de extremos de cuidado insuficiente evidenciado por pelo menos um dos seguintes aspectos:

1. Negligência ou privação social na forma de ausência persistente do atendimento às necessidades emocionais básicas de conforto, estimulação e afeição por parte de cuidadores adultos.
 2. Mudanças repetidas de cuidadores, limitando as oportunidades de formar vínculos estáveis (p. ex., trocas frequentes de lares adotivos temporários).
 3. Criação em contextos peculiares que limitam gravemente oportunidades de formar vínculos seletivos (p. ex., instituições com alta proporção de crianças por cuidador).
- D.** Presume-se que o cuidado do Critério C seja responsável pela perturbação comportamental do Critério A (p. ex., as perturbações do Critério A iniciam após a ausência de cuidado adequado do Critério C).
- E.** Não são preenchidos os critérios para transtorno do espectro autista.
- F.** A perturbação é evidente antes dos 5 anos de idade.
- G.** A criança tem uma idade de desenvolvimento mínima de 9 meses.

Especificar se:

- Persistente: O transtorno está presente há mais de 12 meses.
- Gravidade actual: O transtorno de apego reactivo é especificado como grave quando a criança exibe todos os sintomas do transtorno, e cada sintoma se manifesta em níveis relativamente elevados.

2.2.4.2. Características Clínicas e Impactos do TAR

A principal característica do transtorno de apego reactivo é a ausência de comportamentos típicos de busca de conforto ou proteção em figuras de apego, mesmo diante de situações estressantes. Crianças com esse transtorno frequentemente apresentam falta de resposta emocional às interacções sociais e dificuldade em regular emoções como medo, tristeza ou irritabilidade (Zeanah e Gleason, 2015).

Essas manifestações estão intimamente ligadas a um histórico de cuidados inadequados, como negligência emocional, troca frequente de cuidadores ou vivência em instituições que limitam a formação de vínculos estáveis e afetuosos (Bowlby, 1988).

De acordo com Zeanah et al. (2015); embora relativamente raro, o TAR ocorre quase exclusivamente em crianças que enfrentaram negligência social grave. Estudos apontam que menos de 10% das crianças expostas a tais condições desenvolvem o transtorno, sugerindo que factores como resiliência individual e suporte ambiental influenciam na sua manifestação. Contudo, a gravidade e a duração da negligência são elementos críticos para o surgimento dos sintomas, que geralmente começam a se manifestar entre os 9 meses e os 5 anos de idade (OMS, 2014).

As consequências do transtorno de apego reactivo podem ser devastadoras, impactando não apenas o desenvolvimento emocional, mas também as habilidades cognitivas e sociais. Muitas crianças afectadas apresentam atrasos no desenvolvimento da linguagem e dificuldades de aprendizagem, além de padrões de comportamento que podem incluir apatia, retraimento social e, em casos mais graves, agressividade. E a ausência de intervenção precoce aumenta o risco de problemas emocionais persistentes, dificultando a construção de relacionamentos saudáveis na vida adulta (Cassidy e Shaver, 2008).

É importante destacar que, apesar da gravidade do TAR, a recuperação é possível quando a criança passa a receber cuidados adequados em um ambiente seguro e acolhedor. A formação de vínculos positivos com figuras estáveis pode ajudar a reverter muitos dos efeitos negativos causados pela negligência (Dozier et al., 2002).

Para o mesmo autor, o diagnóstico e o tratamento devem ser realizados com cautela, especialmente em contextos culturais diversos, onde as formas de expressão do apego podem variar significativamente.

2.2.4.3. Abordagens de Tratamento e Intervenção do Transtorno de Apego Reactivo

O Transtorno de Apego Reactivo (TAR) exige abordagens de tratamento que priorizem a criação de vínculos seguros e o restabelecimento da capacidade emocional das crianças afectadas, considerando sua origem relacionada à negligência social grave. Nesse sentido, a intervenção terapêutica é essencial para abordar os prejuízos causados pela falta de vínculos afectivos na infância.

Segundo Hughes (2011), a psicoterapia é uma das principais estratégias para tratar o TAR, pois oferece um espaço seguro para que a criança possa processar os traumas e aprender a reconstruir suas habilidades de vinculação.

Uma das abordagens mais eficazes nesse contexto é a Terapia Focada no Apego, fundamentada nas ideias de Bowlby (1988). Essa abordagem busca restaurar a confiança da criança nos cuidadores por meio de interações consistentes, previsíveis e afetuosas, promovendo a segurança emocional necessária para o desenvolvimento saudável.

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC); segundo Beck et al. (1979) auxilia na identificação e modificação de pensamentos disfuncionais que a criança pode ter internalizado devido à negligência. A TCC ajuda as crianças a desenvolver habilidades emocionais e comportamentais mais saudáveis, ao mesmo tempo que trabalha na reestruturação de crenças negativas sobre si mesmas e sobre seus cuidadores.

Outra abordagem relevante é a Terapia de Jogo, conforme destacado por Bratton et al. (2005). Essa modalidade terapêutica utiliza o brincar como uma forma de comunicação e expressão emocional para crianças. No caso do TAR, o brincar permite que a criança externalize seus traumas e construa uma relação terapêutica com o profissional, ajudando a desenvolver confiança e segurança emocional.

Torna-se fundamental incluir os cuidadores no processo de tratamento. Estudos como os de Dozier et al. (2002) enfatizam que o treinamento de cuidadores é essencial para promover mudanças positivas no ambiente familiar. Esse treinamento deve incluir a educação dos cuidadores sobre o impacto da negligência e do trauma, bem como estratégias para responder de maneira previsível e afetiva às necessidades emocionais da criança. A participação activa dos cuidadores nas sessões terapêuticas fortalece a relação com a criança e cria um ambiente que favorece a recuperação.

O sucesso das intervenções depende, em grande parte, da precocidade com que são realizadas que de acordo com Hughes (2011), crianças que recebem tratamento adequado apresentam maior capacidade de formar vínculos seguros, além de redução de comportamentos de retraimento e dificuldades emocionais. Isso demonstra que, embora o TAR possa ter consequências graves, a

intervenção adequada pode trazer resultados positivos significativos, especialmente quando realizada em estágios iniciais.

2.3. Marco Teórico

2.3.1. A Teoria do Apego de Bowlby

A Teoria do Apego, desenvolvida por John Bowlby, destaca a importância dos vínculos afectivos formados na infância e seu impacto duradouro no desenvolvimento emocional e social ao longo da vida. De acordo com Bowlby (1988), o vínculo inicial entre a criança e seu cuidador primário, geralmente a mãe, desempenha um papel essencial no estabelecimento de uma base segura, a partir da qual a criança explora o mundo e desenvolve sua identidade. Quando esse vínculo é interrompido ou negligenciado, as consequências podem ser profundas, manifestando-se em uma série de dificuldades emocionais e comportamentais, incluindo o Transtorno de Apego Reactivo (TAR).

Bowlby (1988) argumenta que a presença consistente e responsiva de um cuidador é essencial para que a criança desenvolva um apego seguro, caracterizado por confiança, autoestima saudável e capacidade de formar relacionamentos estáveis. Em contraste, quando os cuidadores são emocionalmente indisponíveis, inconsistentes ou ausentes, o apego seguro pode não se formar, dando lugar a apegos inseguros, que incluem padrões evitativos, ansiosos ou desorganizados (Ainsworth et al., 1978).

Esses padrões inseguros afectam a maneira como a criança percebe a si mesma e ao mundo. Por exemplo, crianças que experimentam abandono emocional podem crescer com uma visão negativa de si mesmas, sentindo-se indignas de amor ou atenção. Nos casos mais graves, a ausência de um vínculo adequado pode levar ao desenvolvimento do Transtorno de Apego Reactivo, uma condição caracterizada por uma dificuldade significativa em formar relacionamentos próximos e confiar nos outros (Zeanah e Gleason, 2015).

O abandono emocional, um dos principais factores discutidos por Bowlby (1980), ocorre quando os cuidadores falham em responder às necessidades emocionais da criança, mesmo que estejam fisicamente presentes.

Segundo Cassidy e Shaver (2008), essa negligência emocional pode ocorrer de diversas formas, como: ausência física prolongada, que impede o contato direto e contínuo; negligência emocional, quando as necessidades afetivas da criança são ignoradas ou minimizadas; e instabilidade nos relacionamentos, caracterizada por separações frequentes ou conflitos severos entre os pais e a criança.

Essas experiências podem resultar em sentimentos de tristeza, raiva e angústia na infância, que frequentemente persistem na adolescência e na vida adulta (Bowlby, 1980). Adolescentes que enfrentaram abandono emocional durante a infância tendem a apresentar baixa autoestima, dificuldade em expressar emoções e problemas para estabelecer relacionamentos saudáveis (Zeanah et al., 2015).

A teoria de Bowlby (1988) oferece uma base para compreender como o abandono parental e os vínculos interrompidos estão associados ao desenvolvimento do Transtorno de Apego Reactivo. Essa condição é geralmente observada em crianças e adolescentes que passaram por experiências de separação precoce ou negligência severa. O transtorno se manifesta em dois padrões principais (Zeanah e Gleason, 2015):

- Inibição emocional: A criança ou adolescente evita interações sociais, mostra desconfiança extrema e reluta em buscar conforto emocional;
- Desinibição social: Caracterizado por uma falta de seletividade nos relacionamentos, onde a criança demonstra apego indiscriminado a adultos, mesmo estranhos.

Ambos os padrões são indicativos de um apego inadequado durante os estágios iniciais do desenvolvimento, enfatizando a importância do cuidado parental para a saúde emocional.

Na adolescência, a falta de um apego seguro pode amplificar desafios emocionais e comportamentais. Adolescentes que sofreram abandono parental frequentemente experimentam:

- Dificuldades em confiar nas pessoas, levando a relacionamentos superficiais ou conflituosos (Bowlby, 1988).

- Expressão emocional prejudicada, com tendência a internalizar (depressão, ansiedade) ou externalizar (agressividade, comportamentos de risco) os sentimentos (Cassidy e Shaver, 2008).
- Problemas de identidade, como baixa autoestima, sentimento de desvalorização e confusão sobre o próprio valor (Zeanah et al., 2015).

Essas consequências reforçam a centralidade da Teoria do Apego de Bowlby para compreender a relação entre o abandono emocional e o desenvolvimento do Transtorno de Apego Reactivo, além de oferecer um referencial teórico para intervenções psicossociais que busquem mitigar esses impactos e promover o bem-estar emocional dos adolescentes.

2.3.2. Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson

A Teoria do Desenvolvimento Psicossocial, proposta por Erik Erikson, descreve os estágios de desenvolvimento ao longo da vida, destacando os desafios psicossociais que surgem em cada fase. Esses desafios, quando bem resolvidos, promovem um desenvolvimento saudável, enquanto a falha em resolvê-los pode resultar em dificuldades emocionais e sociais. Dois estágios dessa teoria são particularmente relevantes para compreender o impacto do abandono emocional: confiança versus desconfiança (primeira infância) e identidade versus confusão de papéis (adolescência).

Conforme Erikson (1968), citado por Schreiner (2009), o estágio de confiança versus desconfiança ocorre na primeira infância, quando os bebês começam a formar uma visão do mundo baseada em suas interações com os cuidadores primários. Nessa fase, o bebê aprende a confiar nas pessoas ao seu redor para atender às suas necessidades básicas, como alimentação, conforto e segurança emocional.

O abandono emocional nesse estágio, seja pela ausência física ou negligência emocional, pode interferir na capacidade do bebê de desenvolver uma base de confiança. Como resultado, a criança pode crescer com uma visão do mundo marcada pela desconfiança e pela dificuldade em formar laços seguros com outras pessoas. Isso pode ter implicações duradouras no desenvolvimento emocional, levando à insegurança e à ansiedade nas relações interpessoais (Erikson, 1968; Berk, 2018).

Durante a adolescência, o foco do desenvolvimento desloca-se para a formação da identidade, caracterizada pelo estágio de identidade versus confusão de papéis. Erikson (1968) ressalta que esse é um período em que os adolescentes exploram questões relacionadas a quem são, o que valorizam e como desejam ser percebidos pelos outros.

O abandono emocional pode complicar significativamente esse processo. Adolescentes que vivenciaram negligência emocional ou ruptura nos vínculos parentais podem enfrentar dificuldades em consolidar um autoconceito sólido e uma autoestima saudável. Esses adolescentes frequentemente apresentam sentimentos de inadequação, desvalorização e incerteza sobre seus papéis na sociedade (Schreiner, 2009; Berk, 2018). Além disso, a ausência de suporte emocional adequado pode dificultar o estabelecimento de relacionamentos saudáveis e duradouros, uma vez que a base de confiança necessária para tais vínculos foi comprometida nos estágios anteriores.

A teoria de Erikson sublinha como o abandono emocional interfere não apenas no desenvolvimento inicial, mas também em fases posteriores da vida, criando desafios acumulativos. Segundo Berk (2018), crianças e adolescentes que não recebem apoio emocional adequado enfrentam dificuldades em superar os conflitos psicossociais de cada estágio, o que pode levar a padrões de comportamento desadaptativos, como retraimento social, baixa resiliência emocional e dificuldade em lidar com o estresse.

Essas repercussões destacam a importância do papel parental na formação de uma base emocional segura, essencial para o enfrentamento dos desafios psicossociais descritos por Erikson. Para mitigar esses impactos, estratégias de intervenção devem focar no fortalecimento das capacidades emocionais e no fornecimento de suporte psicossocial a esses adolescentes, promovendo a construção de identidade e autoestima positivas.

2.3.3. Teoria do Estresse e Coping de Lazarus e Folkman

A Teoria do Estresse e Coping de Lazarus e Folkman oferece uma compreensão abrangente sobre como os indivíduos lidam com o estresse e as adversidades em suas vidas. De acordo com essa teoria, o abandono emocional pode ser uma fonte significativa de estresse psicológico para os adolescentes, desencadeando uma série de reações emocionais e comportamentais.

Segundo Lazarus e Folkman (1984), o estresse é gerado quando um indivíduo percebe uma situação como sendo mais exigente do que seus recursos para lidar com ela.

Lazarus e Folkman (1984), citados por Schreiner (2009), sugerem que adolescentes que enfrentam o abandono emocional frequentemente experimentam emoções negativas intensas, como tristeza, raiva, solidão e desamparo. Essas emoções decorrem da percepção dos adolescentes de que seus pais são emocionalmente indisponíveis, o que gera um sentimento de desamparo e uma visão negativa das suas relações familiares. A falta de suporte emocional pode resultar em uma sensação de vulnerabilidade, elevando os níveis de estresse e comprometendo o bem-estar psicológico do adolescente (Lazarus e Folkman, 1984).

Esse tipo de estresse não apenas afecta o estado emocional, mas também tem repercussões na saúde mental, levando a sintomas de depressão, ansiedade e, em casos mais graves, transtornos comportamentais. De acordo com Lazarus e Folkman (1984), a maneira como os indivíduos percebem o estresse e como escolhem enfrentá-lo são determinantes para o impacto final sobre sua saúde emocional e mental.

A eficácia das estratégias de enfrentamento adoptadas pelos adolescentes pode variar significativamente, dependendo de diversos factores, como o suporte social disponível, os recursos pessoais e a gravidade do abandono emocional (Lazarus e Folkman, 1984). Os autores destacam que, enquanto alguns adolescentes podem utilizar estratégias de enfrentamento adaptativas, como buscar apoio em amigos ou profissionais de saúde mental, outros podem recorrer a estratégias disfuncionais, como o isolamento social ou o uso de substâncias.

A disponibilidade de suporte social tem um papel crucial nesse processo. Adolescentes que contam com redes de apoio, como amigos, familiares ou educadores compreensivos, tendem a lidar de maneira mais eficaz com o estresse provocado pelo abandono emocional, reduzindo os impactos negativos sobre sua saúde mental (Schreiner, 2009). Além disso, Lazarus e Folkman (1984) sugerem que os recursos pessoais, como a autoestima e a capacidade de autorregulação emocional, também influenciam a forma como o adolescente responde ao estresse.

A teoria de Lazarus e Folkman ressalta a importância de compreender as diferentes formas pelas quais os adolescentes respondem ao abandono emocional, permitindo que profissionais de

saúde, educadores e pais ofereçam suporte adequado. Intervenções psicossociais que ajudem os adolescentes a desenvolver estratégias de enfrentamento adaptativas e saudáveis são fundamentais para mitigar os efeitos do estresse emocional e promover o bem-estar psicológico (Lazarus e Folkman, 1984). O desenvolvimento de habilidades de enfrentamento positivas, como a resiliência emocional e a capacidade de buscar ajuda, pode fortalecer a capacidade dos adolescentes de lidar com adversidades e promover uma saúde mental positiva a longo prazo.

2.4. Marco Referencial

Diversos estudos internacionais têm investigado a relação entre abandono parental e o desenvolvimento de transtornos emocionais, especialmente o Transtorno de Apego Reactivo.

Ainsworth et al. (1978), no seu estudo “Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation”, tipo de pesquisa qualitativa, com população de crianças e suas mães, teve como objetivo identificar padrões de apego em crianças. O estudo concluiu que a falta de cuidados adequados nos primeiros anos de vida pode resultar em problemas sérios na formação de vínculos seguros, levando ao desenvolvimento de comportamentos problemáticos, como o desapego e a dificuldade em formar relações saudáveis. A recomendação foi enfatizar a importância de vínculos seguros para o desenvolvimento emocional adequado.

Zeanah et al. (2015), no seu estudo “Reactive Attachment Disorder: Toward an Integration of Research and Practice”, tipo de pesquisa quantitativa, com população de crianças em instituições e suas famílias, teve como objetivo estudar a prevalência e os fatores associados ao Transtorno de Apego Reactivo. O estudo constatou que o Transtorno de Apego Reactivo é mais comum em crianças que sofreram negligência ou abuso, indicando que o abandono parental tem um impacto significativo na saúde emocional de crianças e adolescentes, especialmente quando esses vínculos são interrompidos precocemente. Os resultados sugerem uma intervenção precoce para evitar o agravamento do transtorno.

Nhamossa (2019), em “O Impacto do Abandono Parental no Desenvolvimento Emocional de Crianças em Moçambique”, tipo de pesquisa qualitativa, com população de crianças e adolescentes de áreas urbanas e rurais de Moçambique, teve como objetivo investigar a relação entre abandono parental e transtornos emocionais. O estudo revelou que o abandono parental está fortemente correlacionado com dificuldades emocionais, incluindo o Transtorno de Apego

Reactivo. Nhampossa destacou que, além dos fatores emocionais, a falta de recursos socioeconômicos também intensifica os efeitos do abandono, dificultando a recuperação dos adolescentes. Como recomendação, sugeriu-se a implementação de políticas públicas que promovam o apoio familiar e a assistência emocional, visando uma melhor recuperação dos afetados.

Mandlate (2017), em “Abandono Parental e suas Consequências no Bem-Estar Emocional de Adolescentes em Moçambique”, tipo de pesquisa mista, com população de adolescentes em diversas regiões de Moçambique, teve como objetivo analisar o impacto do abandono parental em adolescentes. Os resultados indicaram que a ausência de um vínculo seguro com os pais ou cuidadores pode levar ao desenvolvimento de comportamentos disfuncionais, como dificuldades em estabelecer relacionamentos duradouros e problemas de autoestima. Mandlate recomendou maior suporte psicossocial e programas educativos para os pais, destacando que a criação de um ambiente mais acolhedor e estável poderia reduzir significativamente os efeitos do abandono.

Os resultados das pesquisas internacionais, regionais e nacionais destacam a relação direta entre o abandono parental e o desenvolvimento de transtornos emocionais, como o Transtorno de Apego Reactivo. A maioria dos estudos revela que a ausência de cuidados adequados na infância tem um impacto duradouro na capacidade de formar vínculos afetivos saudáveis, afectando negativamente a autoestima e a capacidade de confiar nos outros, tanto no contexto global quanto no moçambicano. Em Moçambique, os factores socioeconômicos, como a pobreza e a migração, agravam ainda mais as consequências do abandono parental, tornando a intervenção psicossocial essencial para a recuperação desses adolescentes.

Capítulo III

3. Metodologia

Nesta presente fase são descritas de forma sistemática sobre os passos da pesquisa e sua materialização.

3.1. Tipo de Investigação

3.1.1. Quanto aos objectivos

A pesquisa é caracterizada como descritiva, pois busca compreender e descrever as diversas facetas do impacto afectivo do abandono parental emocional em adolescentes residentes no Bairro Floresta B, no Período de 2023-2024, Cidade de Quelimane. Este enfoque permitirá uma análise minuciosa das experiências emocionais e psicológicas dos adolescentes afectados por esse fenómeno.

Silva e Menezes (2000), definem a pesquisa descritiva como aquela que visa descrever as características de determinada população ou fenómeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

3.1.2. Quanto a natureza

Trata-se de uma pesquisa aplicada, pois centra-se na resolução de problemas práticos e na produção de conhecimento com aplicação directa.

Gil (2010) define a pesquisa aplicada como um tipo de investigação que visa solucionar problemas práticos e concretos. Segundo ele, a pesquisa aplicada tem como principal objectivo gerar conhecimento que possa ser utilizado para a resolução de questões específicas no contexto real.

3.1.3. Quanto à abordagem metodológica

Este estudo adopta uma perspectiva qualitativa. A escolha por uma abordagem qualitativa se justifica pela complexidade e profundidade do fenómeno em estudo, que requer uma compreensão holística das experiências individuais e das dinâmicas familiares afectadas pelo abandono parental emocional. A pesquisa qualitativa possibilitará a exploração das percepções, significados e impactos emocionais relatados pelos adolescentes directamente afectados.

Segundo Gil (2010), a pesquisa qualitativa é uma abordagem de investigação que busca compreender fenómenos sociais, comportamentais e subjectivos de maneira aprofundada, valorizando a perspectiva dos participantes.

3.1.4. Quanto aos procedimentos técnicos

É baseada no método de estudo de caso. O estudo de caso envolve uma análise profunda e detalhada de um ou poucos objectos de estudo, permitindo uma compreensão abrangente das experiências individuais e dos contextos específicos dos adolescentes residentes no Bairro Floresta B.

Lakatos e Marconi (2017) definem o estudo de caso como uma pesquisa que investiga uma unidade social (indivíduo, grupo, organização ou evento) em profundidade, visando compreender suas dinâmicas internas e externas.

Além disso, foi utilizada a revisão bibliográfica como procedimento complementar, com o intuito de embasar teoricamente a problemática em estudo. A revisão bibliográfica permitiu reunir, analisar e interpretar contribuições de diferentes autores e estudos já realizados sobre os conceitos de abandono parental, desenvolvimento emocional na adolescência, transtorno de apego reativo (TAR) e estratégias de intervenção psicossocial. Essa combinação metodológica reforça a consistência e a profundidade da pesquisa, permitindo tanto a análise contextualizada do caso específico quanto a sustentação teórica necessária para a compreensão dos fenómenos observados.

3.2. Participantes/ Amostra

Este estudo investiga o “Impacto Afectivo do Abandono Parental dos Pais de Adolescentes dos 12 à 18 Anos de Idade, Versus, Transtorno de Apego Reactivo, Bairro Floresta B, no Período de 2023-2024 - Cidade de Quelimane, Província da Zambézia”.

3.2.1. Universo

O universo da população deste estudo é composto por 15 adolescentes, todos residindo no Bairro Floresta B e que tenham em comum a experiência de abandono parental. Segundo Lakatos e Marconi (2017:108), a população é o conjunto completo de todos os elementos que se pretende estudar em uma pesquisa. É o grupo abrangente sobre o qual se deseja obter informações, podendo ser composto por pessoas, objetos, eventos ou qualquer outro tipo de elemento que seja relevante para a pesquisa.

3.2.2. Amostra

A amostra deste estudo é composta por 6 adolescentes, sendo 3 do sexo masculino e 3 do sexo feminino. Os participantes foram escolhidos com base em critérios específicos relacionados a experiência de abandono parental e a disponibilidade para participar da pesquisa. A escolha desse número reduzido de participantes permitirá uma análise mais aprofundada e detalhada de cada caso, facilitando a compreensão dos impactos afectivos individuais e coletivos do abandono parental emocional.

A amostra é um subconjunto da população seleccionada para participar da pesquisa. Segundo Lakatos e Marconi (2017:125), a amostra deve ser representativa da população, apresentando características semelhantes em relação às suas variáveis-chave.

Para garantir uma selecção representativa e justa, foram contactadas as organizações comunitárias do Bairro Floresta B, Cidade de Quelimane para identificar os adolescentes que se enquadram nos critérios a estudar. Os responsáveis por essas instituições forneceram informações preliminares sobre os adolescentes que podem participar do estudo. Foram então realizadas uma verificação dessas informações para confirmar os critérios de selecção, como experiência de abandono parental emocional e disponibilidade para participar. Com base nessa verificação, foram escolhidos 6 adolescentes, levando em consideração a diversidade de experiências e a representatividade de gênero.

Para garantir a participação ética e voluntária no estudo, os adolescentes e seus responsáveis legais receberam explicações detalhadas sobre os objectivos, procedimentos, riscos e benefícios do estudo. Foi fornecido um formulário de assentimento informado, que deve ser assinado pelos responsáveis legais dos adolescentes menores de 18 anos, e para adolescentes de 18 anos foi fornecido um formulário de consentimento informado. Este documento assegurou que todos compreendem e aceitam participar do estudo voluntariamente. Todas as informações fornecidas pelos participantes foram tratadas de forma confidencial e usadas exclusivamente para os fins deste estudo. Os participantes poderiam retirar-se do estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou consequências negativas.

3.3. Técnicas de Recolha de Dados

Para este estudo sobre o Impacto Afectivo do Abandono Parental dos Pais de Adolescentes dos 12 à 18 Anos de Idade, Versus, Transtorno de Apego Reactivo, Bairro Floresta B, no Período de 2023-2024 - Cidade de Quelimane, Província da Zambézia; foi utilizado uma única técnica de recolha de dados: guião de entrevista semi-estruturada.

Guião de Entrevista Semi-Estruturada

O guião de entrevista semi-estruturada é a técnica utilizado para a colecta de dados e baseia-se na técnica de entrevista semi-estruturada, que combina perguntas abertas e fechadas, permitindo uma exploração detalhada das respostas dos participantes, de acordo com Gil (2010).

O guião contém uma série de perguntas previamente elaboradas, mas com flexibilidade para explorar novas questões à medida que a conversa avança, possibilitando a colecta de dados ricos e profundos sobre os fenómenos investigados.

A utilização do guião de entrevista semi-estruturada é particularmente eficaz para estudar fenómenos complexos e subjectivos, como o impacto emocional do abandono parental em adolescentes. Essa forma de entrevista combina perguntas previamente elaboradas com a flexibilidade de explorar novos temas à medida que a conversa avança, possibilitando explorar novas questões que surgem espontaneamente, enriquecendo a colecta de dados, o que é fundamental para captar as nuances das percepções dos adolescentes.

Alguns exemplos de questões incluídas no guião são: " Como o abandono parental afecta a tua vida cotidiana e as tuas interacções sociais?"; " Quais emoções surgem quando pensas sobre a ausência de apoio emocional dos teus pais? Podes descrever um momento específico em que sentiste essa falta?" " Que estratégias ou recursos utilizas para lidar com os sentimentos decorrentes do abandono parental? Há alguém ou alguma actividade que te ajude a enfrentar essas situações?"

A recolha de dados foi realizada em visitas domiciliaries no Bairro Floresta B, Cidade de Quelimane. Cada sessão de colecta de dados será agendada em horários convenientes para os participantes, garantindo um ambiente confortável e sem pressões para respostas. O preenchimento do guião da entrevista semi-estruturada e a realização da entrevista levarão aproximadamente 45 minutos cada.

3.4. Procedimentos Técnicos

Para a realização da presente pesquisa, na primeira fase foi identificado o tema com base no problema observado no âmbito da psicologia clínica e de aconselhamento, relacionado ao Impacto Afectivo do Abandono Parental dos Pais de Adolescentes dos 12 à 18 Anos de Idade, Versus, Transtorno de Apego Reactivo, Bairro Floresta B, no Período de 2023-2024 - Cidade de Quelimane, Província da Zambézia. Posteriormente, realizou-se um levantamento bibliográfico e consulta documental sobre a temática em estudo, a fim de sustentar teoricamente a pesquisa.

Na segunda fase, foram elaborados os instrumentos de colecta de dados, incluindo o Termo de Consentimento Informado para Adolescentes de 18 Anos de Idade e Termo de Assentimento Informado para Pais ou Responsáveis Legais de Adolescentes menores de 18 anos; que garantiram aos participantes o direito de aceitar ou recusar a participação no estudo, de forma ética e transparente. Também foi desenvolvido um guião de entrevista semi-estruturada, o qual foi aplicado directamente aos adolescentes participantes. Essa abordagem buscou captar as percepções e experiências dos entrevistados relacionadas ao abandono parental e suas consequências emocionais. Esse método foi considerado o mais adequado para a natureza do problema investigado, pois possibilitou uma compreensão aprofundada das vivências e perspectivas individuais dos adolescentes.

Na terceira fase, realizou-se a pesquisa de campo no bairro Floresta B, em locais previamente acordados com os participantes, garantindo um ambiente seguro e reservado para as entrevistas. As entrevistas foram conduzidas de forma individual e sem a presença de terceiros, com o intuito de resguardar a privacidade e o conforto dos participantes durante o processo de colecta de dados.

Esse procedimento foi essencial para garantir a qualidade e a validade dos dados colectados, permitindo uma análise crítica sobre o impacto afectivo do abandono parental no desenvolvimento do transtorno de apego reactivo nos adolescentes, conforme o objectivo do estudo.

3.4.1. Considerações éticas

A presente pesquisa foi desenvolvida em conformidade com os princípios éticos que regem a investigação científica envolvendo seres humanos, seguindo as orientações estabelecidas pela

Declaração de Helsínquia (2013) e pela Lei n.º 6/2023, de 8 de Junho, que regulamenta a investigação científica com seres humanos na República de Moçambique.

O projecto foi, primeiramente, submetido à apreciação do Instituto Superior de Humanidades, Ciências e Tecnologias de Quelimane (ISHCT), instituição à qual a pesquisadora está vinculada. Após avaliação, o ISHCT concedeu a carta de autorização para realização da pesquisa, aprovando o tema, a metodologia proposta e indicando o tutor responsável pela supervisão científica do trabalho, reforçando seu carácter exclusivamente acadêmico, destinado à elaboração da monografia de conclusão do curso de Psicologia Clínica e de Aconselhamento.

Com a aprovação institucional, procedeu-se à solicitação de credenciamento junto ao Serviço Provincial de Saúde (SPS) da Zambézia, entidade responsável por autorizar a realização de estudos na área da saúde no âmbito provincial. O SPS concedeu a credencial de autorização, acompanhada de uma carta de cobertura, autorizando formalmente a execução da pesquisa no bairro Floresta B, na cidade de Quelimane.

Em seguida, o projecto foi submetido à apreciação ética pelo Comité Institucional de Bioética para a Saúde da Zambézia (CIBS-Z), que, após análise detalhada, emitiu um parecer favorável à realização da pesquisa, considerando que o estudo respeita integralmente os princípios éticos de beneficência, não maleficência, autonomia, justiça e equidade, previstos na legislação nacional e nas declarações internacionais.

A fim de respeitar os trâmites comunitários e garantir o reconhecimento local, foi ainda solicitada e obtida a autorização do Secretário do Bairro Floresta B, permitindo o acesso aos adolescentes da comunidade, nos termos legalmente estabelecidos.

No que se refere à protecção dos participantes, a pesquisa assegurou o anonimato e a confidencialidade das informações recolhidas. Nenhum nome ou dado pessoal identificável foi registrado, sendo utilizados códigos alfanuméricos (P1, P2, P3, P4, P5 e P6) para identificar as entrevistas e garantir a privacidade dos adolescentes.

Todos os participantes foram devidamente informados sobre os objectivos do estudo, sua natureza académica, a metodologia utilizada, os riscos e benefícios, e seus direitos, incluindo o direito de recusar a participação ou desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Para formalizar o consentimento, foi aplicado o Termo de Consentimento Livre aos adolescentes maiores de 18 anos. Para os adolescentes menores de 18 anos, foi obtido o Termo de Assentimento Livre-Informado para ser obtido pelos pais ou responsáveis legais, garantindo a livre participação e o respeito à autonomia dos envolvidos, conforme estabelece a legislação moçambicana.

As entrevistas foram conduzidas de forma individual, em ambientes previamente preparados, resguardados e sem a presença de terceiros, de modo a garantir segurança emocional, privacidade e conforto aos participantes.

As informações obtidas foram destinadas exclusivamente para fins acadêmicos, relacionadas à elaboração da monografia de conclusão do curso, e para a análise qualitativa das respostas. Todas as respostas foram agrupadas e organizadas de forma a preservar a identidade dos participantes e evitar qualquer possibilidade de exposição ou constrangimento.

O estudo, portanto, cumpriu rigorosamente com os princípios éticos, legais e institucionais vigentes, respeitando o compromisso com a integridade, o respeito à dignidade e o bem-estar dos adolescentes participantes.

3.4.2. Critérios de selecção de amostra

Critérios de Inclusão

Adolescentes com idade compreendidas de 12 à 18 anos;

Residentes no Bairro Floresta B, na Cidade de Quelimane;

Que tenham vivido experiências de abandono parental, definido como ausência significativa de suporte emocional, físico, social ou financeiro por parte dos pais ou responsáveis legais.

Critérios de Exclusão

Menores de 12 anos ou maiores de 18 anos;

Adolescentes que não residem no Bairro Floresta B;

Adolescentes, cujas experiências não se enquadrem na definição de abandono parental.

3.4.3. Tipo de amostragem

Para este estudo, optou-se pela amostragem não probabilística por conveniência que segundo Lakatos e Marconi (2017) os participantes são selecionados com base na sua disponibilidade e acessibilidade. Embora esse método possa apresentar limitações quanto à representatividade, ele permitirá a colecta de dados significativos e relevantes sobre a experiência de abandono parental na população em estudo.

O tamanho reduzido da amostra é justificado pela profundidade e riqueza de informações que se busca obter, permitindo um entendimento mais holístico dos efeitos do abandono parental emocional na vida dos adolescentes do Bairro Floresta B.

3.4.4. Formas de apresentação de análise dos dados

Os dados colectados por meio das entrevistas semi-estruturadas foram organizados de forma descritiva e sistematizados em categorias temáticas, definidas com base nos objetivos específicos da pesquisa. A análise foi conduzida utilizando-se a análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), permitindo identificar, classificar e interpretar as informações, com foco nos padrões e significados presentes nos discursos dos adolescentes.

As informações obtidas foram agrupadas em categorias relacionadas ao impacto afetivo do abandono parental e à presença de características associadas ao Transtorno de Apego Reactivo.

Os resultados foram apresentados de forma descritiva, evidenciando as percepções, sentimentos e vivências relatadas pelos adolescentes. A interpretação desses resultados foi realizada à luz de teorias existentes da literatura, que evidenciam o impacto afetivo do abandono parental e à presença de características associadas ao Transtorno de Apego Reactivo permitindo a integração entre os dados empíricos e os fundamentos teóricos que sustentam esta pesquisa.

Capítulo IV

4. Resultados

4.1. Perfil dos Participantes

Após a realização das entrevistas, a investigadora, no cumprimento das normas éticas de confidencialidade, identificou os participantes utilizando um sistema de codificação. Cada adolescente entrevistado foi designado pela letra "P" (Participante), seguida de um número correspondente à ordem de realização da entrevista (por exemplo, P1, P2, P3...), garantindo o anonimato e a integridade dos dados. A amostra foi constituída por 6 adolescentes, sendo 3 do sexo masculino e 3 do sexo feminino.

4.2. Dados Sociodemográficos

Na fase de colheita de dados, o universo foi de 15 adolescentes, com uma amostra de 6 adolescentes, sendo 3 do sexo masculino e 3 do sexo feminino. A seguir, apresentam-se os dados sociodemográficos dos entrevistados, destacando-se as idades, o sexo, o estado civil e a ocupação de cada um; sendo os seguintes resultados:

Tabela 1: Dados Sociodemográficos

Nº de ordem	Código	Idade	Sexo	Estado Civil	Ocupação
1	P1	12	Masculino	Solteiro	Estudante
2	P2	15	Masculino	Solteiro	Estudante
3	P3	16	Feminino	Solteira	Estudante
4	P4	17	Masculino	Solteiro	Estudante
5	P5	18	Feminino	Solteira	Estudante
6	P6	18	Feminino	Solteira	Estudante
Total = 6 Participantes		-	-	-	-

Fonte: A Autora - 2025

O total é de 6 participantes, com idades variando de 12 a 18 anos, essa distribuição abrange a adolescência em diferentes estágios, o que pode refletir em variadas vivências e percepções sobre o impacto do abandono parental. Em relação ao sexo, a amostra é equilibrada, com 3 participantes do sexo masculino e 3 do sexo feminino, permitindo uma análise imparcial dos dois gêneros. Quanto ao estado civil, todos os participantes são solteiros, o que é esperado para essa faixa etária.

No que tange à ocupação, todos os participantes são estudantes, o que sugere que a vida escolar é central para suas experiências diárias.

P1: “Meu pai, a minha mãe e as minhas duas irmãs.”

P2: “Meus pais, dois irmãos e quatro irmãs.”

P3: “Meu pai, minha tia e meus primos. A minha mãe morreu quando eu era criança, e o meu pai casou com outra mulher e tem outros filhos.”

P4: “Meus avós e dois primos. Meu pai me abandonou, e minha mãe vive em Nicoadala.”

P5: “Minha tia materna, avô, dois primos e o marido da minha tia.”

P6: “Pais, irmãos e alguns ajudantes de casa.”

As respostas dos participantes indicaram uma grande diversidade nas suas estruturas familiares. Alguns vivem com os pais e irmãos, enquanto outros são cuidados por tios, tias ou avós. A presença de figuras parentais é frequentemente limitada ou ausente, com alguns participantes mencionando o falecimento dos pais ou o abandono por parte de um deles. Em alguns casos, os participantes vivem com parentes distantes, como tias ou avós, que, embora possam oferecer apoio, não substituem o vínculo com os pais biológicos.

Pergunta 2: “Com quem vives e qual é a tua relação com essas pessoas?” As respostas foram:

P1: “Vivo com os meus pais e as minhas irmãs. Alguns trabalhadores e ajudantes de casa. A minha relação com a minha mãe é boa, mas a relação com o meu pai não é boa. Ele não é bom para mim e nem para as minhas irmãs, e faz-nos sofrer sempre.”

P2: “Eu vivo com uma tia, e ela emprestou-me para brincar com os filhos dela. Não tenho uma relação com ela, é apenas uma pessoa que cuida de mim.”

P3: “Eu vivo com a minha tia e os meus primos. Temos uma boa relação, mas às vezes sinto que minha tia parece estar mais obrigada a cuidar de mim, e a nossa relação não é boa.”

P4: “Vivo com meus avós de parte de pai. A relação com eles é boa, mas sinto falta de ter meu pai e minha mãe por perto.”

P5: “Vivo com os meus tios e primos. Tenho uma boa relação com eles, mas meu tio é um pouco chato. A minha tia é muito melhor e meus primos são como irmãos para mim. Eu cuido deles.”

P6: “Vivo com meus pais e irmãos. Tenho uma boa relação com eles, mas a relação com meu pai é difícil.”

Vários participantes relataram que vivem com parentes que não são os pais biológicos, como tios, tias ou avós. Apenas 2 participantes vivem com os pais biológicos. As relações com os cuidadores, como tios, tias ou avós, foram descritas, em grande parte das narrativas, como boas ou neutras, mas algumas relações são afectadas pela falta de um vínculo emocional mais profundo, especialmente com figuras parentais. A ausência ou dificuldades de vínculo emocional com os pais é uma constante, com vários participantes relatando que os pais não estão presentes emocionalmente ou fisicamente em suas vidas.

Pergunta 3: “Podes partilhar a tua experiência em relação ao apoio emocional e físico que tens recebido dos teus pais? Como isso tem afectado a tua vida?” As respostas foram:

P1: “Não recebo apoio do meu pai. Isso afecta muito a minha vida, porque ele faz-me sentir triste e faz com que a nossa família sofra muito.”

P2: “Meus pais não têm condições para cuidar de mim, eles cuidam mais dos meus outros irmãos. Eu sinto que sou menos importante para eles.”

P3: “Não tenho nenhum tipo de apoio. Eu queria muito ter um pai e uma mãe presentes na minha vida.”

P4: “Não recebo apoio dos meus pais. Acho que não sou importante para eles, e não tenho ninguém para me apoiar, só meus avós.”

P5: “Eu recebo apoio da minha tia. Nunca conheci meu pai e sei que ele tem outros filhos, mas não sei onde ele está. Isso me afecta muito saber que ele não me apoia.”

P6: “Apenas recebo o apoio da minha mãe. A falta de um pai não me afecta, porque me considero muito resiliente.”

Foi frequente, nas falas dos participantes, a indicação da ausência de apoio emocional e físico dos pais. Muitos sentiram-se negligenciados, especialmente em relação à falta de atenção nas suas necessidades emocionais e práticas. Alguns mencionaram que não receberam o suporte necessário para seu bem-estar, como presença nas reuniões escolares ou apoio para as suas necessidades diárias. A falta desse apoio afectou negativamente suas vidas, resultando em sentimentos de insegurança e solidão.

Pergunta 4: “Quais emoções surgem quando pensas sobre a ausência de apoio emocional dos teus pais? Podes descrever um momento específico em que sentiste essa falta?” As respostas foram:

P1: “Quando penso no que o meu pai faz para mim e por todos que vivem comigo, sinto-me triste. Um dia estava a jogar e fui batido com uma bola. O meu pai viu, mas em vez de me cuidar, ele ameaçou-me. Ele é muito mau para a nossa família.”

P2: “Sinto-me muito triste, porque nas escolas, nunca tenho ninguém para me acompanhar nas reuniões. Minha tia é ocupada, às vezes vou com os trabalhadores daqui de casa.”

P3: “Eu não sei, sinto-me sozinha. Sinto que sou uma desconhecida nessa casa, como se não fizesse parte de nada.”

P4: “Sinto tristeza e abandono. Lembro-me de um dia na escola, quando todos estavam a fazer presentes para os seus pais, e eu não tinha ninguém para dar ou para escrever uma simples carta, porque meus avós nem sabem ler.”

P5: “Infelizmente, nunca conheci meu pai e perdi minha mãe. Fui levada para viver com a minha tia, que é uma boa pessoa, mas não tenho boa relação com o marido dela, porque ele não é um tio presente, mesmo vivendo conosco. Às vezes, me sinto sozinha. Lembro-me de uma vez em que meu tio viajou para Maputo e comprou roupas para todos os meus primos, mas eu me senti triste e excluída. Percebi que ele não é meu pai, apenas me acolheu.”

P6: “Não sinto emoções fortes, mas gostaria de ter um pai na minha vida. Dia dos pais nunca tenho ninguém para parabenizar, mas falo com minha mãe, porque ela faz o papel dos dois.”

As respostas refletiram emoções fortes, como tristeza, raiva, solidão e abandono. Os participantes compartilharam momentos específicos em que a ausência de apoio emocional se fez

sentir de forma intensa. Isso incluiu situações de exclusão, como a falta de acompanhamento nas actividades escolares, ou momentos de dor quando perceberam que não tinham ninguém para apoiar em momentos importantes. Esses sentimentos de desamparo e insegurança parecem ser uma parte central das experiências vividas pelos participantes.

Pergunta 5: “Se tivesses a oportunidade, o que gostarias que os teus pais mudassem ou fizessem de forma diferente na tua vida?” As respostas foram:

P1: “Gostaria que o meu pai mudasse o comportamento dele. Eu queria que ele saísse de casa, porque ninguém gosta de viver com ele.”

P2: “Eu gostaria de viver com os meus pais e que eles cuidassem de mim, com mais atenção.”

P3: “Eu gostaria que o meu pai me cuidasse como uma filha.”

P4: “Gostaria de ser amigo do meu pai, conversar com ele e falar mais com a minha mãe.”

P5: “Eu queria que minha mãe estivesse viva. Talvez as coisas seriam diferentes. Ela sempre foi o meu amor e meu suporte na vida. Ela vive em mim, no meu coração, na minha alma. Gostaria de ter um pai, mas infelizmente não o tenho.”

P6: “Eu gostaria que minha mãe se separasse deste homem. Não quero nenhum tipo de proximidade com ele, mesmo morando no mesmo teto. Espero que ele saia de casa e viva a vida dele com pessoas a quem ele realmente se importa.”

As respostas à pergunta sobre mudanças desejadas revelaram uma forte necessidade de reconexão com os pais. A recorrência nas falas dos participantes indicam que os participantes expressaram o desejo de que os pais fossem mais presentes, afectivos e atentos às suas necessidades. Outros queriam que os pais mudassem de comportamento ou estivessem mais envolvidos em suas vidas, enquanto outros expressaram a dor da ausência de um pai ou mãe e o desejo de ter uma família unida. Alguns participantes também desejaram que os pais tomassem decisões que melhorassem suas condições de vida e bem-estar emocional.

Pergunta 6: “Como o abandono parental afecta a tua vida cotidiana e as tuas interacções sociais?” As respostas foram:

P1: “Eu gostaria de ter boas lembranças com meu pai, mas todas as minhas lembranças são tristes, e isso afecta as minhas emoções todos os dias.”

P2: “Afecta muito. Não falo com ninguém, e eu não tenho amigos. Quem quer brincar com um trabalhador?”

P3: “Eu me sinto sozinha, ninguém me entende e as pessoas fazem com que eu aceite essa vida sem poder reclamar.”

P4: “Afecta muito. Não confio nas pessoas, tenho medo de ser rejeitado, como meus pais fizeram. Isso me faz ter dificuldade em fazer amizade porque se meus pais me abandonaram eles também irão fazer isso.”

P5: “Isso me afecta emocionalmente, principalmente quando falo com as minhas amigas. Elas sempre falam sobre seus pais, e eu não tenho nada para dizer sobre o meu pai ou minha mãe. Isso me afecta muito.”

P6: “Isso não me afecta. As pessoas me criticam por não me importar com alguém que nunca quis se importar comigo desde o meu nascimento. Ele só me fez mal e me machucou muito a vida, mas agora que cresci, não quero mais essa situação na minha vida.”

Os participantes relataram que o abandono parental tem um impacto significativo na sua vida cotidiana, especialmente nas interacções sociais. Muitos participantes mencionaram que a ausência do apoio parental afecta negativamente as suas emoções e dificultam o estabelecimento de relações interpessoais. A sensação de solidão foi uma constante, com alguns participantes expressando a dor de não terem lembranças positivas com seus pais. Esse distanciamento também se reflete na dificuldade em fazer amigos, com sentimentos de vergonha, tristeza e, em alguns casos, medo de ser rejeitado.

Pergunta 7: “Existem situações em que sentes que isso influencia as tuas relações com amigos ou colegas?” As respostas foram:

P1: “Sim, afecta, meus amigos sempre têm coisas para contar de seus pais, eu só tenho coisas más.”

P2: “Sim, sempre. Sinto que eles podem me rejeitar porque sabem que sou apenas um trabalhador, sem uma família para me apoiar.”

P3: “Sim, eu não tenho amigos. Prefiro ficar sozinha, e com os colegas, converso só na escola.”

P4: “Sim, não consigo fazer amizades. Tenho dificuldade em mostrar carinho e pedir ajuda, porque sei que serei ignorado como meus pais fazem.”

P5: “Felizmente, não. Não compartilho essas coisas com ninguém.”

P6: “Sim, eu não confio em ninguém. Não sei se é a minha experiência, mas vejo que meu namorado tem tendências parecidas com esse que se intitula pai para mim, mas eu quero ajudar o meu namorado a mudar isso, pois acredito que posso ajudá-lo a mudar algumas das suas atitudes, já que ele tem algumas tendências semelhantes. Para mim, todos os homens são maus. Principalmente pais. Será que todos são amáveis? Gostaria de ter uma experiência boa na vida. Mas desde que me conheço como pessoa, nunca e nunca tive um pai.”

As respostas indicaram que o abandono parental impacta diretamente as relações com amigos e colegas. A dificuldade em confiar nos outros e a percepção de ser diferente foram aspectos recorrentes. Alguns participantes relataram sentir-se excluídos, enquanto outros mencionaram que, embora tentem interagir, sentem que não podem compartilhar suas experiências ou emoções com os outros, por medo de serem julgados ou rejeitados. Em contrapartida, alguns mencionaram que a experiência de abandono fortaleceu relações com poucos amigos que os compreendem.

Pergunta 8: “Recebeste algum tipo de apoio (da escola, amigos, familiares ou instituições) que te ajudou a lidar com o abandono parental? Como foi essa experiência?” As respostas foram:

P1: “Sim, a minha irmã mais velha sempre me acalma quando estou triste ou zangado com ele. Minha mãe também me ajuda e eu sinto-me bem quando converso com elas.”

P2: “Sim, recebo apoio de uma vizinha, que me dá uniformes usados, material escolar, sapatos e roupas usadas dos filhos dela.”

P3: “Eu não recebo apoio. Às vezes, as pessoas perguntam, mas eu sei que elas vão me ignorar ou falar pra todo mundo da minha vida.”

P4: “Sim, o meu professor da 9ª classe foi a pessoa que mais me ajudou. Ele era a única pessoa que se importava comigo, que me via triste e tentava ajudar.”

P5: “Minha mãe sempre foi o meu maior suporte. Às vezes, fecho os olhos e converso com ela, o que me faz sentir muito bem.”

P6: “Sim, meus amigos me escutam. Alguns têm experiências parecidas, outros não, outros entendem. Outros até julgam, mas o que posso fazer? Eu ignoro e penso no esforço que minha mãe tem feito desde que eu me entendo como pessoa.”

Houve uma divisão nas respostas sobre o apoio recebido. Enquanto alguns participantes expressaram gratidão pelo apoio de familiares, como mães, irmãs ou amigos, outros disseram não ter recebido apoio significativo. Para os que relataram apoio, foi destacado o papel de pessoas que os ouviam, ofereciam palavras de consolo e até materiais como roupas ou material escolar. Porém, alguns participantes indicaram que não confiavam em ninguém ou sentiam-se desconfortáveis ao compartilhar suas experiências, o que torna o processo de lidar com o abandono ainda mais desafiador.

Pergunta 9: “Que estratégias ou recursos utilizas para lidar com os sentimentos decorrentes do abandono parental? Há alguém ou alguma actividade que te ajude a enfrentar essas situações?” As respostas foram:

P1: “Eu converso com a minha mãe e a minha irmã, e isso ajuda. Também gosto de jogar bola e PlayStation para esquecer.”

P2: “Eu apenas converso com Deus, porque sinto que Ele é o único que pode me perceber.”

P3: “Eu gosto de escrever poemas e ouvir música.”

P4: “Eu gosto de escutar música e jogar Free Fire. Às vezes converso com o meu primo mais velho.”

P5: “Não tenho uma estratégia específica, mas sinto que minha mãe vive em mim. Isso me ajuda a enfrentar essas situações.”

P6: “Eu sou isolada e não dou intimidade facilmente. Só me abro com pessoas que realmente demonstram ser boas de coração. Sou frágil e tenho dificuldades em acreditar que pais podem ser bons sem intenções de fazer mal, porque ele me fez muito mal.”

As estratégias de enfrentamento dos participantes variaram. Alguns adolescentes recorreram a actividades como jogar, ouvir música, ou escrever como formas de aliviar os sentimentos de tristeza e raiva. Outros indicaram que conversavam com pessoas próximas, como irmãos ou amigos, o que os ajudava a se sentir mais compreendidos. Alguns recorreram à espiritualidade, encontrando alívio ao conversar com Deus. Por outro lado, houve participantes que mencionaram que se isolavam e evitavam interacções, demonstrando uma estratégia de enfrentamento mais introvertida e defensiva.

Pergunta 10: “Pensas que essa experiência de abandono parental afecta a forma como lidas com sentimentos como tristeza, raiva ou ansiedade? Se sim, de que maneira?” As respostas foram:

P1: “Sim. Eu gostaria de ter um pai presente e afectivo na minha vida, e isso faz-me sentir triste e irritado muitas vezes.”

P2: “Sim. Eu não sei o que fazer para sair dessa situação.”

P3: “Sim, eu não sei como lidar com isso. Eu não tenho paciência para ninguém e acho que as pessoas fingem que se importam ou sentem pena de mim, o que me chateia muito.”

P4: “Sim, fico com angústia várias vezes sem motivo. Tenho muita dificuldade em controlar a minha raiva. Prefiro guardar as coisas para mim e ficar no meu canto.”

P5: “Sim, sinto muita tristeza. Uma tristeza imensa. Isso me afecta profundamente.”

P6: “Sim, sou isolada e não confio nas pessoas. Eu não acredito que pais podem ser bons, especialmente depois do que passei com o meu pai.”

As respostas revelaram que o abandono parental tem um impacto profundo na maneira como os adolescentes lidam com suas emoções. A tristeza foi a emoção mais mencionada, com muitos participantes expressando um sentimento de perda e solidão. A raiva também foi frequentemente citada, associada ao sentimento de rejeição e à dificuldade de estabelecer confiança nas pessoas.

Além disso, a ansiedade e a angústia foram identificadas em alguns participantes, refletindo o medo de novas rejeições ou de não serem capazes de lidar com a vida sem o apoio necessário.

Pergunta 11: “Como imaginas que a tua experiência de abandono parental poderá influenciar as tuas relações futuras? Que tipo de apoio esperas ter na tua vida adulta?” As respostas foram:

P1: “Eu sinto-me muito mal com esta situação e espero ter um futuro diferente, com pessoas amáveis, como a minha mãe. Quero ter alguém que me apoie como ela faz.”

P2: “Eu não sei, mas tenho medo de não ser amado. Nunca senti que fui amado.”

P3: “Eu não quero ser assim com ninguém. Espero que um dia eu consiga construir a minha vida ao lado de pessoas reais, que não sejam falsas ou que sintam pena de mim.”

P4: “Não quero ser como meus pais. Quero ter filhos e ser um pai melhor para eles. Espero estar rodeado de pessoas que me amam, que me compreendam e que me ajudem a criar laços que eu nunca tive com meus pais.”

P5: “Não sei se algum dia terei apoio de um pai, e minha mãe não pode voltar. Mas espero que no futuro eu receba apoio emocional de todas as pessoas ao meu redor.”

P6: “Nunca vou permitir que meus filhos e irmãos passem pelo que eu passei. Espero estar rodeada de pessoas que não queiram me fazer mal, como ele fez.”

Em relação ao futuro, foi recorrente entre os participantes o desejo de ter relações mais saudáveis e de evitar os erros cometidos pelos seus pais. Muitos afirmaram que, apesar do sofrimento, esperam encontrar apoio emocional nas relações futuras, seja com parceiros, amigos ou outros membros da família. Alguns expressaram o medo de não ser amados ou de repetir padrões de comportamento prejudiciais, enquanto outros destacaram o desejo de criar uma vida ao lado de pessoas que verdadeiramente se importem.

Pergunta 12: “Como se sentiu após partilhar a sua história durante esta entrevista?” As respostas foram:

P1: “Senti-me triste e envergonhado.”

P2: “Senti-me mal.”

P3: “Senti-me mal e foi um pouco difícil, porque eu não gosto de falar sobre isso.”

P4: “Senti-me aliviado.”

P5: “Não me senti muito bem, a situação é muito triste.”

P6: “Senti um alívio, mas ao mesmo tempo não gosto de falar sobre isso, pois a situação me deixa muito irritada.”

As respostas à questão sobre o impacto da partilha das suas histórias foram diversas. Alguns participantes relataram sentir-se aliviados após compartilhar suas experiências, indicando que falar sobre o tema pode ser um passo importante para lidar com o sofrimento. Outros, no entanto, expressaram tristeza, vergonha e desconforto, mostrando que a experiência de reviver a dor do abandono pode ser emocionalmente desgastante. Isso sugere que, embora a partilha possa ser terapêutica para alguns, para outros pode ser uma experiência dolorosa que precisa ser tratada com sensibilidade.

Pergunta 13: “Há algo que consideras importante que não foi abordado?”. As respostas foram:

P1: “Não.”

P2: “Não, mas eu espero encontrar formas de mudar o meu futuro. Não quero viver assim para sempre.”

P3: “Não.”

P4: “Em algum momento, já pensei em sair de casa e viver a minha vida. Já pensei em desistir da escola, mas não sei para onde ir.”

P5: “Não.”

P6: “Sim, gostaria de saber o que faz um pai ser assim. Por que ele me tratou mal, a minha mãe, meus irmãos? Por que minha mãe ainda aceita isso? Não desejo mal a ele, mas nunca vou me aproximar dele ou tocar onde ele toca, porque me sinto suja. Ele me fez mal, me batia sem motivo, fez coisas que prefiro não mencionar, e não quero nenhuma interação com ele. Espero que consigas ajudar todas as pessoas com histórias semelhantes à minha.”

Nas respostas a esta última pergunta, alguns participantes disseram não ter mais nada a acrescentar, enquanto outros expressaram o desejo de entender melhor os motivos do comportamento dos seus pais. Houve também menções de sentimentos de confusão e de frustração em relação à situação familiar, com alguns adolescentes mencionando que já pensaram em desistir ou sair de casa como uma forma de escapar à dor causada pelo abandono.

Capítulo V

5. Discussão dos Resultados

Este capítulo apresenta a discussão dos resultados da pesquisa, baseada nas entrevistas semi-estruturadas realizadas com os adolescentes participantes. Os dados foram analisados de forma descritiva, buscando identificar o impacto afectivo do abandono parental e sua relação com o desenvolvimento do Transtorno de Apego Reactivo (TAR).

A estrutura segue a sequência de perguntas realizadas nas entrevistas, acompanhada da análise fundamentada nas teorias de autores relevantes, bem como autores contemporâneos que corroboram essas perspectivas. Em seguida são apresentados os dados de forma detalhada das questões levantadas aos participantes juntamente com as suas respostas.

De acordo com os dados da Pergunta 1, os participantes relataram viver com figuras familiares alternativas, como avós e tios, em vez de ambos pais biológicos. Isso sugere que, embora a estrutura tradicional esteja ausente, esses cuidadores desempenham um papel importante no suporte emocional dos adolescentes. Bowlby (1969) defende que vínculos seguros com qualquer figura consistente e responsiva são cruciais para o desenvolvimento emocional saudável, mesmo na ausência dos pais.

Crittenden (2008) reforça que cuidadores alternativos podem suprir as necessidades emocionais e mitigar os impactos do abandono parental. No entanto, conforme relatado por P4, a falta de comprometimento ou suporte da rede familiar pode agravar os desafios emocionais e sociais, o que está em linha com Rutter (1981), que destaca a importância de uma base segura para o desenvolvimento da identidade.

Enquanto Zeckler (2003) aponta que a presença de avós pode reduzir o risco de transtornos de apego, Main e Solomon (1986) alertam que nem todas as figuras alternativas conseguem substituir o papel parental de forma adequada, dependendo da qualidade do vínculo estabelecido. Erikson (1968) acrescenta que a ausência de uma figura parental primária não determina crises de identidade, mas a presença de apoio consistente é decisiva para evitar conflitos nesse aspecto.

Na Pergunta 2, observou-se que as respostas dos participantes mostram uma variedade de relações familiares, com alguns participantes destacando vínculos positivos com membros da

família, como tios, tias e avós, enquanto outros enfrentam dificuldades nas relações com os pais. A presença de figuras alternativas parece compensar a ausência ou os conflitos com os pais, o que é consistente com a teoria de Bowlby (1969), que afirma que vínculos afectivos podem ser formados com qualquer figura de apego. Erikson (1968) também ressalta a flexibilidade na formação da identidade, que pode ocorrer com figuras além dos pais.

Participantes como P1, P4 e P6 mencionam relações difíceis com os pais, mas também têm apoio de outros familiares, reforçando a ideia de que a presença de cuidadores alternativos pode proporcionar segurança emocional, como indicado por Crittenden (2008). No entanto, alguns, como P3, expressam a sensação de que essas figuras estão mais “obrigadas” a cuidar deles, o que pode gerar um vínculo mais frágil.

Por outro lado, participantes como P2, P3 e P5 relatam relações positivas com figuras alternativas, mas a sensação de obrigação pode interferir na qualidade desses vínculos, um ponto que também é abordado por Lazarus e Folkman (1984), que sugerem que relações familiares problemáticas, especialmente com os pais, geram estresse emocional, o que pode aumentar o risco de transtornos afectivos, incluindo o transtorno de apego reactivo, caso não haja suporte contínuo e adequado.

Em relação as respostas da Pergunta 3, indicam falta de apoio emocional e físico dos pais, com alguns participantes (P1, P2, P3, P4, P5) expressando tristeza e solidão, evidenciando uma percepção de negligência. Bowlby (1969) afirma que essa falta de apoio pode gerar desamparo e impactar o desenvolvimento, contribuindo para o transtorno de apego reactivo. No entanto, Zeckler (2003) sugere que, embora a ausência dos pais seja prejudicial, figuras de apoio como avós ou tios podem mitigar esse risco.

Apesar da presença de apoio de familiares alternativos, como avós e tias, alguns participantes (P4, P5) relatam que esse apoio não preenche totalmente a lacuna deixada pelos pais. Crittenden (2008) observa que figuras alternativas podem oferecer suporte, mas não substituem completamente os pais na formação de um apego seguro. Rutter (1981) reforça que uma rede de apoio forte pode reduzir os efeitos negativos do abandono parental.

Por outro lado, P6 demonstra que a ausência do pai não a afectou tanto, atribuindo sua resiliência à autonomia e ao apoio da mãe. Erikson (1968) sugere que, na adolescência, o

desenvolvimento de uma identidade sólida pode ajudar a enfrentar a ausência parental, embora Lazarus e Folkman (1984) aponte que a falta de apoio consistente ainda pode gerar estresse e aumentar o risco de transtornos emocionais.

A partir das respostas da Pergunta 4, percebe-se que, as respostas indicam emoções negativas intensas, como tristeza e solidão, associadas à ausência de apoio emocional dos pais. Participantes como P1, P2, P3, P4 e P5 relataram sentimentos de tristeza e desconexão, com P5 se sentindo excluído e P3 isolado.

Esses sentimentos estão em consonância com a Teoria do Apego de Bowlby (1969), que sugere que a falta de vínculos afetivos seguros pode gerar angústia emocional significativa. O relato de P1 sobre ter sido agredido e não receber apoio exemplifica negligência emocional, o que corrobora a ideia de que a ausência de cuidado parental intensifica o sofrimento psicológico, como destacado por Lazarus e Folkman (1984), que indicam que eventos estressantes não geridos adequadamente geram sofrimento emocional.

Além disso, o impacto da ausência de apoio em datas simbólicas, como o Dia dos Pais, mencionado por P4 e P6, reflete um forte sentimento de abandono e desconexão emocional, o que é fundamental para o desenvolvimento saudável. Erikson (1968) argumenta que o apoio emocional dos pais é crucial para a formação da identidade e autoestima, e a falta desse apoio pode prejudicar esses processos.

Porém, a experiência de P6, que sente menos impacto pela ausência do pai, é um ponto importante de discordância. P6 afirma que sua mãe preenche essa lacuna, o que sugere que um único cuidador pode, de fato, mitigar os efeitos da falta de uma figura parental. Isso reflete uma adaptação positiva ao contexto, que é enfatizada por autores como Crittenden (2008), que defende que, mesmo na ausência de um dos pais, a presença de uma figura de apego segura pode ajudar a prevenir transtornos emocionais. Por outro lado, alguns estudos, como o de Rutter (1981), sugerem que a ausência de ambos os pais, ou a presença de figuras parentais instáveis, pode comprometer o desenvolvimento emocional e aumentar o risco de transtornos, o que contrasta com a perspectiva de resiliência apresentada por P6.

Os resultados obtidos na Pergunta 5, evidenciam que, muitos dos participantes expressa o desejo de um vínculo emocional mais forte com os pais, com muitos mencionando a ausência de

afecto e apoio emocional. P1, P2, P3 e P4 relatam a falta de cuidado parental, o que reforça a Teoria do Apego de Bowlby (1969), que afirma que a ausência de vínculos seguros pode gerar insegurança emocional.

P1 e P6 destacam conflitos familiares, como o desejo de afastamento do pai ou de separação dos pais, o que pode ser analisado à luz da Teoria do Estresse e Coping de Lazarus e Folkman (1984), que argumenta que a presença de conflitos familiares intensifica o estresse e prejudica o bem-estar emocional dos adolescentes.

Por outro lado, P5, que expressa a dor pela ausência do pai e o desejo de ter uma presença paterna, reflete a importância do apoio paternal para a formação da identidade e autoestima, conforme a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson (1968). A falta dessa figura central pode comprometer o processo de construção de uma identidade sólida, o que é essencial na adolescência.

P6, por sua vez, deseja distanciar-se de uma figura parental tóxica, sugerindo a presença de um ambiente familiar disfuncional. Baumrind (1991) corrobora essa observação, afirmando que ambientes familiares disfuncionais, nos quais as figuras parentais são tóxicas, têm um impacto negativo profundo no desenvolvimento emocional dos filhos. Isso também pode ser relacionado com a perspectiva de Crittenden (2008), que defende que um ambiente de cuidado seguro, mesmo sem a presença de ambos os pais, pode mitigar os danos causados por figuras parentais tóxicas.

Porém, alguns autores, como Rutter (1981), sugerem que, mesmo em um ambiente disfuncional, o apoio de uma única figura parental não é suficiente para prevenir completamente o impacto negativo do abandono emocional. Esse ponto entra em contraste com a visão de P6, que, apesar de relatar uma experiência difícil, ainda mantém uma perspectiva de resiliência e adaptação.

Os relatos analisados na Pergunta 6, sugerem que o abandono parental tem um impacto negativo nas emoções e nas relações sociais dos adolescentes. P1 e P4 relatam sentimentos de tristeza, solidão e dificuldades em confiar nas pessoas, alinhando-se à Teoria do Apego de Bowlby (1969), que defende que a ausência de vínculos seguros prejudica a formação de relações de confiança. A teoria de Ainsworth (1978) também sustenta que a falta de vínculos afectivos primários pode dificultar a capacidade de estabelecer relações saudáveis.

P2 e P3, por sua vez, destacam o isolamento social, sugerindo dificuldades em se conectar com os outros. Isso se correlaciona com a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson (1968), que aponta que a falta de apoio parental pode prejudicar a formação de identidade e gerar dificuldades em se relacionar socialmente. Ao contrário, Rohner (2004) argumenta que a falta de suporte parental não necessariamente leva ao isolamento, já que algumas crianças podem desenvolver habilidades sociais fortes em outros ambientes de apoio.

P5 também menciona como a ausência do pai afecta suas interações sociais, corroborando a Teoria do Estresse e Coping de Lazarus e Folkman (1984), que vê o abandono parental como prejudicial à autoestima e à formação de vínculos. Em contraste, algumas abordagens, como a de Suomi (2006), sugerem que, embora a ausência de um dos pais impacte, a criança pode desenvolver uma rede social de suporte que minimiza os danos.

Por fim, P6 adota uma postura de distanciamento emocional, afirmando que "isso não me afecta". Esse comportamento pode ser interpretado como uma forma de coping, conforme Lazarus e Folkman (1984), que descrevem o distanciamento como uma estratégia adaptativa. Porém, autores como Rutter (1981) argumentam que, embora o distanciamento emocional possa oferecer um alívio temporário, a longo prazo, ele não elimina os efeitos negativos do abandono parental.

Por outro lado, as respostas dos participantes na Pergunta 7, revelam que o abandono parental afecta negativamente suas relações sociais, dificultando a formação de laços afectivos saudáveis. Observou-se, de forma recorrente, o medo de rejeição e dificuldades em confiar nos outros, como observado em P1, que compara suas experiências negativas às positivas de seus amigos, e em P2, que teme ser rejeitado pela falta de apoio familiar.

Esses relatos refletem a Teoria do Apego de Bowlby (1969), que sugere que a ausência de vínculos seguros prejudica a capacidade de construir relações de confiança. Autores como Thompson (2014) complementam essa visão, destacando que redes de apoio externas podem atenuar esses efeitos em alguns casos.

A solidão e o isolamento social descritos por P3 e P6 indicam dificuldades em formar conexões significativas, o que se alinha à Teoria do Estresse e Coping de Lazarus e Folkman (1984). P5, por outro lado, não sente que o abandono parental afete suas relações, sugerindo um

coping evitativo. No entanto, Rutter (1981) argumenta que o distanciamento emocional, embora temporariamente eficaz, pode agravar o isolamento a longo prazo.

P6 oferece uma perspectiva resiliente, ao tentar modificar o comportamento do namorado para evitar padrões familiares disfuncionais. Essa abordagem ativa reflete a possibilidade de adaptação positiva, conforme discutido por Masten (2001), que destaca a resiliência como uma habilidade crucial para superar adversidades.

Na Pergunta 8, as respostas dos participantes destacam a importância do apoio familiar e social no enfrentamento do abandono parental. P1 e P5 mencionam o suporte emocional contínuo de suas mães como essencial, proporcionando conforto e acolhimento. Esse apoio está alinhado com a Teoria do Estresse e Coping de Lazarus e Folkman (1984), que enfatiza o papel do suporte familiar na adaptação emocional frente a estressores. Da mesma forma, autores como Rutter (1981) corroboram que redes familiares fortalecem a resiliência em crianças e adolescentes.

O apoio social de amigos, vizinhos e professores é destacado por P2, P4 e P6. P2 relata ajuda material de uma vizinha, enquanto P4 menciona a atenção de um professor. Esses relatos reforçam estudos como os de Werner e Smith (1992), que enfatizam o papel de figuras externas no desenvolvimento resiliente, mesmo em contextos de adversidade familiar. Por outro lado, Ainsworth (1978) aponta que, embora essas figuras possam ajudar, sua eficácia é limitada quando não há um vínculo primário seguro.

No entanto, P3 expressa ceticismo em relação ao apoio externo, acreditando que as pessoas podem ignorá-la ou expor sua vida pessoal. Esse comportamento reflete a dificuldade em confiar nas figuras de apoio, conforme Bowlby (1969) destaca na Teoria do Apego, sugerindo que o abandono parental pode comprometer a habilidade de formar laços confiáveis. Autores como Main e Solomon (1990) reforçam que crianças com padrões de apego desorganizado frequentemente manifestam dificuldades em estabelecer confiança.

P5 traz uma perspectiva diferente ao idealizar a figura materna ausente, mantendo conversas imaginárias com ela como forma de lidar com a perda. Lazarus e Folkman (1984) identificam essa abordagem como um coping desadaptativo, que pode perpetuar a dor emocional. Em contraste, pesquisadores como Bonanno (2004) sugerem que mecanismos de idealização,

embora inicialmente disfuncionais, podem servir como uma ponte temporária para lidar com traumas até que estratégias mais adaptativas sejam desenvolvidas.

Os dados obtidos na Pergunta 9, sugerem que os participantes destacam uma diversidade de estratégias, alinhadas à Teoria do Estresse e Coping de Lazarus e Folkman (1984), variando entre abordagens adaptativas e desadaptativas. P1 e P4 mencionam actividades recreativas e conversas com familiares, estratégias que promovem distração e suporte emocional.

Werner e Smith (1992) reforçam o papel do suporte social na resiliência, enquanto Coyne e Downey (1991) alertam para a possibilidade de que tais estratégias, embora eficazes a curto prazo, possam mascarar sentimentos profundos.

P2 recorre à religião, encontrando consolo espiritual, uma prática respaldada por Pargament (1997), que considera o coping religioso eficaz em situações de adversidade. No entanto o autor destaca que essa abordagem pode ser limitada caso haja conflitos relacionados à fé.

P3 utiliza música e escrita para processar emoções, estratégias que Pargament (1997) associa à regulação emocional. Por outro lado, Bonanno (2004) questiona o foco exclusivo na emoção, sugerindo que isso pode reforçar sentimentos negativos se não acompanhado por ações concretas.

P6 demonstra isolamento emocional, reflexo de padrões de apego inseguros explicados por Bowlby (1969). Mikulincer e Shaver (2007) observam que o isolamento pode proteger temporariamente contra a dor, mas a longo prazo perpetua o sofrimento emocional. P5, por sua vez, idealiza a figura materna ausente, o que Lazarus e Folkman (1984), e Fonagy e Target (1997) apontam como uma estratégia que dificulta a aceitação da realidade e a construção de vínculos mais saudáveis.

Embora actividades recreativas, escrita e suporte espiritual promovam resiliência, o isolamento e a idealização revelam desafios significativos. Lazarus e Folkman (1984), Bowlby (1969) e Pargament (1997) fornecem suporte às estratégias positivas, enquanto autores como Bonanno (2004) e Fonagy e Target (1997) oferecem perspectivas críticas que enriquecem a análise.

Nas respostas da Pergunta 10, os participantes relataram que o abandono parental afecta significativamente suas emoções, incluindo tristeza, raiva e ansiedade, manifestando diversas

formas de enfrentamento ou vulnerabilidades emocionais. P1 e P4 mencionam sentir tristeza e raiva, descrevendo dificuldades em gerir essas emoções. P6, por outro lado, adota uma postura de isolamento emocional, evitando confiar em outras pessoas, enquanto P5 expressa uma tristeza profunda, mas sem indicar estratégias claras de enfrentamento.

Esses relatos refletem a perspectiva da Teoria do Apego de Bowlby (1969), que destaca que a ausência de uma figura parental segura pode comprometer a capacidade de regulação emocional, resultando em dificuldades para lidar com sentimentos intensos, como raiva ou tristeza.

P2, que menciona ansiedade associada à incerteza sobre o futuro, demonstra os efeitos do abandono no equilíbrio emocional. Segundo Lazarus e Folkman (1984), essas emoções estão relacionadas a desafios de coping, uma vez que situações de estresse contínuo e falta de suporte efetivo podem exacerbar sentimentos de impotência e vulnerabilidade emocional.

Os depoimentos coletados na Pergunta 11, os participantes manifestaram como suas experiências de abandono parental poderão moldar suas relações futuras e o tipo de apoio desejado na vida adulta. P1, P4 e P6 expressam o desejo de construir relações afetivas saudáveis e receber apoio emocional significativo.

Esse desejo está alinhado com a Teoria do Apego de Bowlby (1969), que aponta que a ausência de vínculos seguros na infância gera uma busca compensatória por apoio emocional em etapas posteriores da vida. P4, em particular, enfatiza a intenção de romper com o ciclo de abandono, tornando-se um pai mais presente, o que se relaciona com estudos sobre intergeracionalidade, como os de Hazan e Shaver (1987), que destacam a capacidade de adaptação e mudança nos padrões relacionais ao longo das gerações.

O medo de rejeição, como expressado por P2, é uma característica comum entre indivíduos com apego inseguro, conforme discutido por Bowlby (1969). Já P3 e P6 demonstram um forte desejo de reconstruir a confiança em suas relações futuras, uma reflexão da importância da confiança no desenvolvimento de relações saudáveis, conforme a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1968). Por outro lado, P5, que exibe ceticismo em relação ao apoio emocional futuro, reflete um padrão de desconfiança enraizado na experiência de abandono parental, típico de indivíduos com apego evitante.

A Pergunta 12, permitiu identificar que os sentimentos descritos pelos participantes ao compartilhar suas histórias refletem os efeitos emocionais profundos do abandono parental e variam entre tristeza, vergonha, alívio e resistência em falar sobre o tema.

P1, P2, P3 e P5 mencionam sentimentos de tristeza, mal-estar e vergonha, associando a experiência de abandono a percepções de inadequação pessoal. Essas emoções estão alinhadas com a Teoria do Apego de Bowlby (1969), que destaca que a ausência de um vínculo parental seguro contribui para o desenvolvimento de baixa autoestima e internalização do abandono como falha pessoal. Estudos como os de Mikulincer e Shaver (2007) também reforçam que indivíduos com apego inseguro frequentemente enfrentam dificuldades em processar experiências emocionais negativas, o que pode acentuar sentimentos de vergonha e tristeza.

Em contraste, P4 e P6 relatam alívio ao compartilhar suas histórias, indicando que a expressão emocional pode funcionar como um mecanismo de coping. Esse alívio é apoiado pela Teoria do Estresse e Coping de Lazarus e Folkman (1984), que identifica a externalização de emoções como uma estratégia eficaz para reduzir o estresse e promover o bem-estar emocional. A literatura adicional, como os estudos de Pargament (1997) sobre escrita expressiva, corrobora que a partilha de experiências traumáticas pode ter efeitos terapêuticos.

P3 e P6, no entanto, destacam resistência em abordar o tema, reflexo do conceito de evitação emocional de Bowlby (1969). Indivíduos que evitam reviver traumas frequentemente utilizam estratégias de proteção emocional, mas podem limitar a possibilidade de enfrentamento saudável e resolução do trauma.

Por fim, as respostas dos participantes na Pergunta 13, revelam um desejo de mudança e distanciamento emocional, especialmente em relação a figuras parentais prejudiciais. P2 expressa o desejo de mudar seu futuro, o que reflete a resiliência dos adolescentes que, apesar das adversidades do abandono parental, buscam superar desafios e reconstruir suas identidades. Essa busca por uma identidade saudável em um contexto adverso está alinhada com a teoria de Erikson (1968), que enfatiza a importância da busca por uma identidade sólida, mesmo em condições desafiadoras.

Outros autores, como McAdams (1993), concordam, destacando que os adolescentes em crises de identidade podem encontrar novas formas de se reconstruir, apesar das dificuldades.

P6, por outro lado, questiona o comportamento do pai e expressa a necessidade de distanciamento emocional devido ao abuso sofrido. Isso está em consonância com a Teoria do Apego de Bowlby (1969), que sugere que filhos de figuras parentais abusivas ou negligentes frequentemente se distanciam para se proteger. Ainsworth (1989) e Crittenden (2008) também afirmam que a busca por distanciamento emocional é uma resposta natural e protetora frente a figuras parentais que oferecem apoio insuficiente ou abusivo.

Essas respostas refletem uma busca por mudança e proteção emocional, sugerindo que, apesar das adversidades causadas pelo abandono parental, os adolescentes demonstram resiliência e a capacidade de buscar alternativas para se protegerem emocionalmente. No entanto, Rutter (1981) e Bowlby (1988) alertam que, embora o distanciamento emocional possa ser necessário para a autoproteção, ele também pode dificultar a construção de novos vínculos afetivos e a integração saudável das experiências traumáticas, gerando dificuldades em futuras relações interpessoais.

Capítulo VI

6. Conclusão

A pesquisa pretendia saber “Qual é o impacto afectivo do abandono parental no desenvolvimento do Transtorno de Apego Reactivo em adolescentes dos 12 aos 18 anos no bairro Floresta B, cidade de Quelimane, Província da Zambézia?”, desta forma, o estudo permitiu identificar e compreender as consequências emocionais vivenciadas pelos adolescentes afectados por essa realidade.

Pelas análises realizadas, verifica-se que o abandono parental tem um impacto significativo no desenvolvimento emocional dos adolescentes, contribuindo para dificuldades nas relações interpessoais, baixa autoestima e insegurança afetiva. O estudo evidenciou que a ausência de uma figura parental activa pode gerar sentimentos de rejeição, medo do abandono e dificuldades na construção de vínculos saudáveis, aspectos centrais para o desenvolvimento psicológico nessa fase da vida.

Durante a realização da pesquisa, ficou claro que os adolescentes que experienciam o abandono parental tendem a apresentar dificuldades em confiar nos outros e em estabelecer relações duradouras. Muitos relataram sentimentos de solidão e tristeza constantes, além de um estado de alerta exacerbado em relação a possíveis rejeições. Esses factores são indicativos da vulnerabilidade emocional desses adolescentes e podem repercutir negativamente no seu desenvolvimento social e acadêmico.

A pesquisa também revelou que a falta de suporte emocional adequado leva esses adolescentes a desenvolverem mecanismos de defesa, como o isolamento e a dificuldade em expressar sentimentos. Alguns participantes demonstraram resistência em se abrir sobre suas emoções, enquanto outros relataram episódios de irritabilidade, ansiedade e instabilidade emocional, que podem ser reflexos da ausência de uma base segura na infância.

Especificamente, o estudo identificou que dois adolescentes preenchem os critérios para o Transtorno de Apego Reactivo (TAR), apresentando sinais como dificuldade extrema em estabelecer laços afectivos, comportamento retraído e evitativo, e desconfiança persistente em

relação aos outros. Ambos relataram uma história marcada por negligência emocional severa, ausência de uma figura de cuidado consistente e dificuldades significativas em regular suas emoções. Esses achados indicam a necessidade de um acompanhamento psicológico mais direcionado, visando minimizar os impactos desse transtorno e promover um desenvolvimento emocional mais saudável.

Ainda no que se refere aos impactos do abandono parental, constatou-se que o ambiente social em que os adolescentes estão inseridos pode tanto agravar quanto amenizar as consequências emocionais dessa vivência. Os participantes que contam com algum tipo de apoio, seja de familiares próximos, amigos ou profissionais da saúde mental, demonstram maior resiliência e melhores estratégias de enfrentamento em comparação àqueles que não possuem esse suporte.

Os resultados deste estudo foram discutidos à luz das teorias exploradas. As falas dos participantes reforçaram a importância de uma figura parental confiável para o desenvolvimento emocional saudável e destacaram os desafios enfrentados por adolescentes que experimentam abandono. A discussão permitiu conectar as vivências relatadas com os conceitos de apego inseguro, identidade e estratégias de coping, demonstrando como esses elementos interagem na formação emocional e social dos adolescentes.

Dessa forma, o estudo possibilitou uma compreensão mais aprofundada dos impactos afetivos do abandono parental e das possíveis manifestações do Transtorno de Apego Reactivo em adolescentes. A análise dos dados evidencia a importância de intervenções psicossociais que possam auxiliar esses adolescentes a desenvolverem habilidades emocionais e relacionais mais saudáveis, reduzindo os efeitos negativos da ausência parental em suas vidas.

Pode-se dizer que o objetivo geral do estudo foi alcançado, pois permitiu a análise dos impactos afetivos do abandono parental e sua relação com o desenvolvimento do Transtorno de Apego Reactivo. Os conhecimentos adquiridos com esta pesquisa possibilitam sugestões para futuras intervenções psicológicas e sociais, visando a melhoria do bem-estar emocional dos adolescentes afetados por essa problemática.

Como sugestões, tendo em vista a complexidade da atuação dos psicólogos, sobretudo no que se refere ao acompanhamento de adolescentes em situação de vulnerabilidade emocional,

percebeu-se, ao longo da pesquisa, a importância da criação de estratégias mais eficazes para lidar com essa problemática. É essencial que os profissionais de saúde mental desenvolvam abordagens personalizadas que auxiliem na construção de vínculos saudáveis e no fortalecimento emocional dos adolescentes afetados pelo abandono parental.

Suge-se a implementação de programas de apoio psicológico que ofereçam espaços seguros para que os adolescentes expressem suas emoções e desenvolvam habilidades socioemocionais. As instituições de ensino devem contribuir ativamente, promovendo atividades que estimulem a integração social e fortaleçam a autoestima desses adolescentes.

Sugere-se também a criação de programas de intervenção psicossocial no bairro Floresta B, focados no fortalecimento de redes de apoio comunitário e escolar. Estudos futuros poderiam analisar os impactos das diferentes formas de abandono parental (emocional, físico e financeiro) e o papel de figuras substitutas na mitigação desses efeitos. Também é essencial capacitar profissionais de saúde mental e educação para identificar precocemente sinais do Transtorno de Apego Reactivo e oferecer suporte adequado.

Por fim, é imprescindível que a sociedade como um todo adote uma postura mais sensível e inclusiva em relação aos adolescentes que vivenciaram o abandono parental, reconhecendo suas dificuldades e oferecendo suporte para que possam superar os desafios emocionais decorrentes dessa experiência.

7. Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association. (2022). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5-TR (5ª ed.)*. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (Edição revista e ampliada). Edições 70.
- Baumrind, D. (1991). *The influence of parenting style on adolescent competence and substance use*. *Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95.
- Berk, L. E. (2018). *Development Through the Lifespan* (7th ed.). Pearson Education.
- Cassidy, J., e Shaver, P. R. (Eds.). (2008). *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications*. Guilford Press.
- Crittenden, P. M. (2008). *The Adult Attachment Projective: A tool for measuring attachment patterns in adults*. *Journal of Clinical Child Psychology*, 37(3), 483-492.
- Erikson, E. H. (1968). *Identidade: Juventude e Crise*. Editora Artes Médicas.
- Gil, A. C. (2010). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Grolnick, W. S., e Ryan, R. M. (1989). *Estilos Parentais Associados à Autorregulação e Competência das Crianças*. *Revista de Psicologia Educacional*, 81(2), 143-154.
- Hazan, C., e Shaver, P. R. (1987). *Romantic love conceptualized as an attachment process*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2019). *Relatório de Indicadores Sociais e Econômicos de Moçambique*. INE.
- Lakatos, E. M., e Marconi, M. A. (2017). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Editora Atlas.
- Main, M., e Solomon, J. (1986). *Discovery of an insecure-disorganized/disoriented attachment pattern*. In T. B. Brazelton e M. W. Yogman (Eds.), *Affective development in infancy* (pp. 95–124). Ablex Publishing.

Mandlate, J. (2017). *Efeitos do Abandono Parental sobre o Bem-Estar Psicológico de Adolescentes em Moçambique*. Universidade Lúrio, Moçambique.

Mikulincer, M., e Shaver, P. R. (2007). *Attachment in Adulthood: Structure, Dynamics, and Change*. New York: Guilford Press.

Moçambique (2004), *Boletim da República: Publicação Oficial da República de Moçambique*. Série I, Suplemento, n.º 34, 25 de Agosto de 2004. Lei n.º 10/2004 – Lei da Família.

McAdams, D. P. (1993). *The stories we live by: Personal myths and the making of the self*. William Morrow e Company.

Nhampossa, M. (2019). *O Impacto do Abandono Parental no Desenvolvimento Emocional de Adolescentes em Moçambique*. Dissertação de Mestrado, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique.

Papalia, D. E.; Feldman, R. D. *Desenvolvimento Humano*. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

Rutter, M. (1981). *Maternal deprivation reassessed* (2nd ed.). Penguin Books.

Silva, A., e Menezes, M. (2000). *Pesquisa descritiva: conceitos e aplicações*. Boletim de Metodologia Científica.

Schreiner, A. (2009). *Psychosocial Development in Infancy and Adolescence: Theoretical Perspectives*. Academic Press

Schor, N. (2016). *Abandono parental emocional e Seus Efeitos*. *Psicologia em Estudo*, 21(3), 509-520.

UNAIDS. (2019). *HIV em Moçambique: Impacto nas famílias e comunidades*. UNAIDS.

UNICEF. (2017). *Estado da infância no mundo: Desafios e oportunidades*. UNICEF.

Zeanah, C. H., e Gleason, M. M. (2015). *Reactive attachment disorder: A review for DSM-5*. *Journal of the American Academy of Child e Adolescent Psychiatry*, 54(11), 825–837.

Internet

Associação Médica Mundial. (2013); *Declaração de Helsínquia – Princípios Éticos na Investigação Médica Envolvendo Seres Humanos*. Disponível em: https://direitodamedicina.sanchoeassociados.com/arquivo/declaracao-de-helsinquia-principios-eticos-na-investigacao-medica-envolvendo-seres-humanos-versao-actualizada-outubro-2013/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 23 abr. 2025.

Ainsworth, M. D. S.; (1978).; *Apego ao Objeto: A natureza do Apego*. In M. M. B. Guazzelli (Ed.), *A construção do objeto de apego* (pp. 67-104). Casa do Psicólogo. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/2729746/>. Acesso: 30 de março de 2024.

Beck, A. T., et al. (1979). *Cognitive Therapy of Depression*. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/transtorno-do-apego-reactivo/>. Acesso em: 11 de janeiro de 2025.

Bonanno, G. A. (2004). *Loss, Trauma, and Human Resilience: Have We Underestimated the Human Capacity to Thrive after Extremely Aversive Events?* *American Psychologist*. Disponível: https://www.researchgate.net/publication/10825737_Loss_Trauma_and_Human_Resilience_Have_We_Underestimated_the_Human_Ccity_to_Thrive_after_Extremely_Aversive_Events. Acesso em 12 de janeiro de 2025.

Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: Vol. 3. Loss*. New York: Basic Books. Disponível em: <https://archive.org/details/attachmentlossvo03bowl>. Acesso em: 11 de janeiro de 2025.

Bowlby, J. (1969). *Teoria do Apego e Suas Implicações*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_apego. Acesso em: 11 de janeiro de 2025.

Bowlby, J.; (1988); *Uma Base Segura: Aplicações Clínicas da Teoria do Apego*. Disponível em: <https://tavi-pori.org/wp-content/uploads/2020/10/Bowlby-A-Secure-Base.pdf>. Acesso: 22 de junho de 2022.

Bratton, S. C., et al. (2005). *A Eficácia da Terapia de Jogo com Crianças: Uma Revisão Meta-Analítica dos Resultados do Tratamento*. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/transtorno-de-apego-reactivo/>. Acesso em: 11 de janeiro de 2025.

Coyne, J. C., e Downey, G. (1991). *Social Support in Close Relationships: Affective and Behavioral Processes*. In *Prosocial Behavior: Review of Personality and Social Psychology*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/245839034_Social_Support_in_Close_Relationships_Affective_and_Behavioral_Processes. Acesso em 12 de janeiro de 2025.

Cox, M. J. (1997). "Ausência Parental e Seus Efeitos no Desenvolvimento das Crianças." *Journal of Child Development*. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/fulltext/1997-05698007.pdf>. Acesso : 20 de junho de 2024.

Dozier, M., et al. (2002). *O Papel do Apego na Adaptação das Crianças ao Cuidado Foster*. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672005000100003. Acesso em: 11 de janeiro de 2025.

Fonagy, P., e Target, M. (1997). *Attachment and reflective function: Their role in self-organization*. *Development and Psychopathology*, 9(4), 679–700. <https://doi.org/10.1017/S0954579497001399>. Acessado em 12 de janeiro de 2025.

Hughes, D. A. (2011). *Terapia Familiar Focada no Apego*. Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/teoria-do-apego-de-john-bowlby/>. Acesso em: 11 de janeiro de 2025.

Instituto Nacional de Estatística (INE). (2019). *Estatísticas sobre Crianças e Adolescentes em Moçambique*. Maputo: INE, 2019. Disponível em: <https://www.ine.gov.mz>. Acesso em: 23 abr. 2025.

Lazarus, R. S., e Folkman, S. (1984). "Estresse, Avaliação e Enfrentamento." Disponível em: https://ocw.mit.edu/courses/brain-and-cognitive-sciences/9-68-affect-neurobiological-psychological-and-sociocultural-counterparts-of-feelings-spring-2016/readings/MIT9_68S16_Stress_Appraisal.pdf. Acesso: 30 de março de 2024

Masten, A. S. (2001). *Ordinary magic: Resilience processes in development*. *American Psychologist*, 56(3), 227–238. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.3.227>. Acessado em 12 de janeiro de 2025.

Organização Mundial da Saúde. (2014). *Relatório mundial sobre prevenção da violência 2014*. https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/145086/9789241564793_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acessado em 12 de janeiro de 2025.

Pargament, K. I. (1997). *The psychology of religion and coping: Theory, research, practice*. Guilford Press. Disponível em: <https://archive.org/details/openinguphealing00penne>. Acesso em 12 de janeiro de 2025.

República de Moçambique. (2023). *Lei n.º 6/2023, de 8 de Junho: Lei de Investigação em Saúde Humana*. Boletim da República, I Série, n.º 110. Recuperado de <https://archive.gazettes.africa/archive/mz/2023/mz-government-gazette-series-i-dated-2023-06-08-no-110.pdf>. Acesso em 23 de abril de 2025.

Rohner, R. P. (2004). *A "Síndrome de Aceitação-Rejeição" Parental: Correlatos Universais da Rejeição Percebida*. *Psicóloga Americana*, 59(8), 830-840. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0003-066X.59.8.830>. Acesso: 22 de junho de 2024.

Silva, J. (2022). *"Abandono: Impactos e Consequências"*. Lisboa: Porto Editora. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v38n4/v38n4a02.pdf>. Acesso: 16 de março de 2024.

Suomi, S. J. (2006). *Risk, resilience, and gene-environment interplay in primates*. 15(1), 18–25. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2277289/>. Acessado em 12 de janeiro de 2025.

Schreiner, G. (2009). *Risco ou Abandono, além da Semântica*. São Paulo. Disponível em: http://conscienciasocial.net/attachments/File/Risco%20ou%20abandono%20al%C3%A9m%20da%20sem%C3%A2ntica_Gabriela%20Schreiner.pdf. Acesso: 12 de março de 2024.

UNICEF. (2017) *Situação das Crianças no Mundo*. Nova York: UNICEF, 2017. Disponível em: <https://www.unicef.org>. Acesso em: 23 abr. 2025.

Zeckler, R. D. (2003). *Acceptance and commitment therapy vs. systematic desensitization in treatment of mathematics anxiety*. *The Psychological Record*, 53(2), 197–215. <https://doi.org/10.1007/BF03395440>. Acessado em 12 de janeiro de 2025.

Apêndice I - Termo de Assentimento Informado para Pais ou Responsáveis Legais de Adolescentes menores de 18 anos

Eu, Firoso Emília Candrinho, estudante finalista do curso de Psicologia Clínica e de Aconselhamento na Universidade Politécnica, no Instituto Superior de Humanidades, Ciências e Tecnologias - ISHCT, venho por este meio solicitar a participação do seu educando em um estudo de investigação para a conclusão do curso, intitulado **“Impacto Afectivo do Abandono Parental dos Pais de Adolescentes dos 12 à 18 Anos de Idade, Versus, Transtorno de Apego Reactivo, Bairro Floresta B, no Período de 2023-2024 - Cidade de Quelimane, Província da Zambézia”**.

Este estudo envolverá a aplicação de uma entrevista semi-estruturada e a participação será anônima e confidencial. Comprometo-me a garantir a confidencialidade das informações obtidas durante a pesquisa.

Eu, _____, na qualidade de pai/mãe/responsável legal de _____, com _____[idade] anos de idade, declaro ter sido informado(a) e sinto-me esclarecido(a) sobre os objectivos do estudo e os procedimentos envolvidos.

Eu, _____,[Nome do Adolescente], com _____[Idade] anos de Idade, declaro ter sido informado(a) e sinto-me esclarecido(a) sobre os objectivos do estudo e os procedimentos envolvidos.

Concordo em permitir a participação nesta pesquisa. Estou ciente de que é permitido interromper participação a qualquer momento, se desejar, sem qualquer prejuízo. Autorizo a utilização dos dados obtidos exclusivamente para fins científicos ou educacionais, garantindo a confidencialidade e o anonimato das informações.

Assinatura do Pai/Mãe/Responsável Legal: _____

Assinatura do Adolescente : _____

Assinatura da Pesquisadora: _____ (Firoso Emília Candrinho)

Se tiver questões ou preocupações relacionadas com o estudo ou se surgir algum problema, por favor, dirija-se a pesquisadora Firoso Emília Candrinho pelo número +258842875322 / +258861667848 ou através do endereço de e-mail: firosoemiliacandrinho01@gmail.com.

Apêndice II - Termo de Consentimento Livre-Informado para Adolescentes de 18 Anos de Idade.

Eu, Firosa Emília Candrinho, estudante finalista do curso de Psicologia Clínica e de Aconselhamento na Universidade Politécnica, no Instituto Superior de Humanidades, Ciências e Tecnologias - ISHCT, venho por este meio solicitar a sua participação em um estudo de investigação para a conclusão do curso, intitulado “**Impacto Afetivo do Abandono Parental dos Pais de Adolescentes dos 12 à 18 Anos de Idade, Versus, Transtorno de Apego Reactivo, Bairro Floresta B, no Período de 2023-2024 - Cidade de Quelimane, Província da Zambézia**”.

Este estudo envolverá a aplicação de uma entrevista semi-estruturada e a participação será anônima e confidencial. Comprometo-me a garantir a confidencialidade das informações obtidas durante a pesquisa.

Eu, _____, com _____ [idade] anos de idade, declaro que fui informado(a) sobre os objectivos e procedimentos do estudo e concordo em participar voluntariamente. Estou ciente de que posso interromper minha participação a qualquer momento, se desejar, sem qualquer prejuízo. Concordo com a utilização dos dados obtidos exclusivamente para fins científicos ou educacionais, garantindo a confidencialidade e o anonimato das informações.

Assinatura do Adolescente (de 18 anos): _____

Assinatura da Pesquisadora: _____ (Firosa Emília Candrinho)

Se tiver questões ou preocupações relacionadas com o estudo ou se surgir algum problema, por favor, dirija-se a pesquisadora Firosa Emília Candrinho pelo número +258842875322/+258861667848 ou através do endereço de e-mail: firosaemiliacandrinho01@gmail.com.

Apêndice III – Guião de Entrevista para os Adolescentes

Os dados desta Entrevista será utilizada para a pesquisa de elaboração de Monografia, como forma de culminação de Curso em Psicologia Clínica e de Aconselhamento na Universidade Politécnica – A Politécnica no Instituto Superior de Humanidades, Ciências e Tecnologias - ISHCT. Desde já, agradeço pela sua colaboração. Saudações académicas.

NÃO É NECESSÁRIO A IDENTIFICAÇÃO.

Idade: _____

Sexo: _____

Estado Civil: _____

Ocupação: _____

1. Podes descrever a sua estrutura familiar actual?

R) _____

2. Com quem vives e qual é a tua relação com essas pessoas?

R) _____

3. Podes partilhar a tua experiência em relação ao apoio emocional e físico que tens recebido dos teus pais? E como isso tem afectado a tua vida?

R) _____

4. Quais emoções surgem quando pensas sobre a ausência de apoio emocional dos teus pais? Podes descrever um momento específico em que sentiste essa falta?

R) _____

5. Se tivesses a oportunidade, o que gostarias que os teus pais mudassem ou fizessem de forma diferente na tua vida?

R) _____

6. Como o abandono parental afecta a tua vida cotidiana e as tuas interacções sociais?

R) _____

7. Existem situações em que sentes que isso influencia as tuas relações com amigos ou colegas?

R) _____

8. Recebeste algum tipo de apoio (da escola, amigos, familiares ou instituições) que te ajudou a lidar com o abandono parental? Como foi essa experiência?

R) _____

9. Que estratégias ou recursos utilizas para lidar com os sentimentos decorrentes do abandono parental? Há alguém ou alguma actividade que te ajude a enfrentar essas situações?

R) _____

10. Pensas que essa experiência de abandono parental afecta a forma como lidas com sentimentos como tristeza, raiva ou ansiedade? Se sim, de que maneira?

R) _____

11. Como imaginas que a tua experiência de abandono parental poderá influenciar as tuas relações futuras? Que tipo de apoio esperas ter na tua vida adulta?

R) _____

12. Como se sentiu após partilhar a sua história durante esta entrevista?

R) _____

13. Há algo que consideras importante que não foi abordado?

R) _____

Agradeço novamente por sua participação nesta entrevista e por partilhar suas experiências. Todas as informações fornecidas serão mantidas em sigilo e serão utilizadas apenas para fins académicos e se surgirem mais perguntas ou se você desejar partilhar mais informações, sinta-se à vontade para entrar em contacto com a pesquisadora Firosa Emília Candrinho pelo número de telefone +258842875322 / +258861667848 ou através do endereço de e-mail: firosaemiliacandrinho01@gmail.com.

Anexos